NO
MUNDO DA LUA
A CIGARRA
ANNO
XVIII
Nº 403
PREÇO 1$

SACCOS

DE

PAPEL

de 20 a 60 Kilos

PARA QUALQUER UTILIDADE

PRATICOS

ECONOMICOS

RESISTENTES

BATES VALVE BAG CORP. OF BRAZIL

CAIXA POSTAL 2932 — TELEPHONE 4-1042

SÃO PAULO

ESCRIPTORIO:
P. Ramos Azevedo, 16-sob.
END. TELEG.: BATESBAGS

FABRICA:
Av. Presidente Wilson, 247
TELEPHONE, 4-9434

Gymnasio do Estado

(3.o anno A)

Caros collegas. Revendo as nossas cousas intimas, gosto de revelar as mais interessantes. Temos notado que a Maria R. L. perdeu o lorgnon. Amiris S. cuidado com o freio. Por que será que a Celeste A. anda sempre triste? Já sei, é um caso de amor. A Yolanda e o Lousada, num constante idyllio. Cyrano S. seja mais collega e menos convencido. Coelho, é melhor abandonar o banco sem carteira. Paulo F. sempre bonitinho; não adianta. — *Sandalo*

Pedido

Peço a todos colleguinhas, especialmente «Otario» e «Til e Cifrão» o obsequio de me informarem se tem dono o coraçãosinho da jovensinha Gorizia S... residente num sobrado da Rua Amaral Gurgel n.o impar (esquina). Desde já antecipo agradecimentos. — *Mister*

Para C. M.

A paixão que, outrora, tive — Por essa menina bella, — No meu peito, hoje, revive, — Inda mais forte que aquella! — No entanto, não devo amal-a, — Não me póde pertencer... — A voz do coração falla: — «Não me deixes perecer!...» — *Berthy*

Piracicaba

(Para Tatá — M. C. C. F.)

I

Ha quanto tempo que não te vejo. Estás ainda em Piracicaba? Eu estou longe, bem longe, nas margens do formoso Paraná, e ainda não me esqueci de ti: lembra-te do nosso rompimento? Qual o motivo?

II

Qual de nós teve razão? Até hoje não sei. Tu eras tão voluvel... Quem é R. O.? Espero que sejas mais feliz do que eu. A carta que escrevi ao O. B. me foi prejudicial e julgada com muita severidade por ti. Julgo que sabes quem sou. — *Itamorotim*

CORRESPONDENCIA DOS LEITORES DA "A CIGARRA"
Este "coupon" dá direito á publicação de UM recado urgente ou UMA correspondencia.

O "coupon" acima deverá acompanhar **cada correspondencia**, que não poderá exceder de **60 palavras**. Não se permittirá a publicação de mais de **tres** correspondencias assignadas por um mesmo leitor. A redacção entregará as cartas destinadas a seus leitores, mas sómente as que venham **pelo correio.**

A alguem

10 horas. A noite está escura e fria e eu, n'um confortavel omnibus, vou lendo um complicado romance. Ao meu lado uma garota linda, de olhos azues, aprecia o panorama da cidade distante. Tilinta a campainha, a jovem desce e vai caminhando por uma estrada escura. Que pena! Estava gostando tanto daquelles olhos azues... — *Romancista*

Ao observador da Barra Funda

I

Você fala de ciumes; metta-se com sua vida e deixe Aynesio e Helena em paz.

Seu furo foi formidavel. Mas quem furou sua chapa fui eu. Resolvi que Aynesio é quem está com ciumes de Helena.

II

Joãosinho, depois que namorou a Lydia, procura no escuro o que perdeu no claro. — *Intrigante*

Biombo

Miguelito S. Ruiz, que se escondia sob as mascaras de Wonio, Gilverdo, Décio, Dáltro e Lubowska, em viagem de nupcias para Buenos Aires, despede-se. E agradece, sensibilizado, os carinhos de suas admiradoras, as gentilezas dos seus amigos e, sobretudo, as bondades de seus inimigos...

Curiosidade...?

Só responderei ao Coração Apaixonado, si mandar ao menos as iniciaes. — *Yone M.*

«Cavalheiro Pardaillan»

Achei um pouco ironica a resposta n.o 399. Por causa daquelle seu: Invejo a tua sorte, etc... etc... Ha um engano nessa phrase, porque eu já não amo, descreio do amôr... Esta é a ultima vez que meu obscuro nome figura nesta secção. Terei immensa saudade de tudo. Adeus, pois, Lilo, e lembra-te da tua amiguinha — *Wonia (Dalvina)*

Madeixas de Ouro

Ouvi, por um nobre collaborador, tuas idéas phantasticas. Sei que és intelligente, mas... não deixas de ser um tanto exagerada nos conceitos que fazes dos homens. Não deves dizer assim, não achas? «Desillusões ou desvio» Emfim, vou propalando meus trechozinhos dando na cabeça pau-latinamente. — *Tenente da Rainha*

Wonio

Não pude deixar a querida «Cigarra» sem dirigir-te o meu adeus, por meio da mesma. Achei teu pseu tão bizarro que o plagiei, e com isto nos tornamos bons amiguinhos. Seria ingrata si não me despedisse de ti... Continuarei a lêr tuas collaborações. Adeus, e recorda-te, uma vez ao menos na vida, desta tua sincera amiguinha — *Dalvina (Wonia)*

Nympha

I

«Um lindo dia de Junho, o do teu anniversario... E céo azul, o sol radiante e quente, a terra cheirando a flôr, tudo, na natureza e nas coisas, parecia em festa para te agradar... Recordo. Evoco... E uma saudade immensa domina todo o meu ser. Saudade de ti... Saudade do nosso amor passado... desse grande e suave...

II

amôr que um dia, por mal comprehendido, nos separou, para mais intensamente sentirmos a inquietação da felicidade que elle nos proporcionaria... Perdôa-me... Perdôa a quem nunca te esqueceu. O dia do teu anniversario... Tambem eu o festejei, na intimidade do meu coração, a evocar, a recordar a figurinha de sonho da «petite fée» do mundo maravilhoso...

III

e cheio de encantamento dentro do qual me fizeste viver, até bem pouco, deslumbrado e feliz...» — *Proteo*

Noivo

Sentindo-me muito só, procuro um noivinho que venha a gostar de mim e que seja sympathico. Meu perfil: Loira, olhos verdes e grandes, cabellos ondeados, labios e coração feitos para amar. Dizem que sou bonita e frequento as matinées da Sala Vermelha. Quem vae gostar de mim? Urgente. — *Olhos Verdes*

Flôr d'Alisa

Apresento-me candidato a teu coraçãosinho como muitos bajuladores do sexo feminino; tive a suprema ventura de ser o preferido; confesso que candidatei-me por ter uma louca paixão por olhos verdes; espero que consigas desmentir os artigos que tenho escripto contra a mulher. Sinceramente agradecido, minha florzinha. — *Cysne*

A todos

Sem pretensão alguma a não ser a amisade total, eu me apresento, acreditando que, pela conducta que irei adoptar, sómente sympathias irei conquistar.

E tudo farei por corresponder pessoal e collectivamente ao bemquerer de que fôr depositario. Tendo predilecção pelas morenas, das mesmas espero amisade e... doravante se colloca a disposição de todos o — *Sublime Amor*

Para...

M. de Pompadour: — Estás admirado da minha delicadeza? Não sou digna de possuir admiração. Diogenes: — No meu pensar, igualas a Menrios e Mondegos — Esbelto Infante: — O prazer será todo meu, em ser tua amiguinha, e se quizeres tambem ser meu... noivinho, acceito. — Wonia: — Como és bonsinho!... — Menrios: — Agradecida pela attenção, não mereço tanto.

II

T. de Almirantes: — Não é porque me lembro da reportagem de V. Marianna; folheando uma Cigarra atrazada, encontrei-a e resolvi fazer a pergunta — C. Pardaillan: — Espero que nunca esquecerei um amiguinho tão delicado como tú — «Gilvaz e Ninon»: — Meu coração é grande, terei a mesma sympathia que antes tinha para um — P. Hawaiana e Alma Leda: — Meus parabens, pela merecida victoria — *Venus de Medicis*

Mondego

Como? Dar-te o meu desprezo? Impossivel!... Dizes que no seio da amizade se acha allivio, então porque não me queres como tua amiguinha? Julgas que não sou merecedora deste dom de Deus? Tendo-te como amiguinho, quando soffreres hei de desabafar tuas maguas como dizes, hei de dar-te novo alento na vida. Não é verdade? Da amiguinha. — *Venus de Medicis.*

Venus de Medicis procura noivinho

Resolvi procurar, entre os leitores da «Cigarra», um noivinho que seja bonito e sincero, para travarmos correspondencia por carta. O meu perfil: moreninha, olhos e cabellos pretos, idade 17 annos. Quem se interessar, responda, dando perfil, idade e mais informações. A todos: — Communico aos amiguinhos que me retiro das columnas da «Cigarra» e só terei correspondencia por carta.

Jorba

Gosto de você. Do seu geitinho e porque você é diabão e eu demonio. Uma dupla estupenda, Hula! Um! Que «shake hand» forte que você me deu! Quasi que acabou emendando-me os cinco dedos. Acceite (só de raiva!) um «quebra costellas» da muito sua amiguinha — *«Mlle. Demonio»*

Fuzilações

Jovial. — Escute bellezão! Eu não sou «divino», ouviu? Gosto muito de você. Vamos, sim, acaba com este platonismo! Coração de Aviador: — Muito obrigada. Alma Leda: — Lindinha que você é. Eu não sou levadinha, não. — *Mlle. Demonio*

Menrios

Como vae? Gentil como sempre, não? Apontando-me qualidades que jámais possuí. Não, Menrios. Eu não sou modesta. Reconheço perfeitamente as poucas qualidades que possuo. Para você, um punhado de saudades da — *Ama-me e o mundo será nosso*

Fuzilações

Conde de Mauluyz — Escute aqui. O que quer dizer aquelle seu laconico bilhete a mim dirigido? Peço ter a gentileza de explicar-me, pois deixou-me deveras surpreza. Vae ser bonsinho, não é? Assim espera a — *Mlle. Demonio.*

Festa intima

Os rapazes de Sant'Anna, mostrando-se espirituosos. J. Magnanelli, ensinando a arte de amar. Iracema, monopolizada pelo Antenor. Antonio Ferrari chegou tarde. Nenê Fernandes, communicativa. Bruno D. N. Só dançou com Maria Fernandes, que orgulho! Edméa, lançou olhares ternos a um loirinho; elle correspondeu? Pedro, gostando do... «Quero ver você chorar». Maria, sempre ao lado do Bruno, que parecia orgulhar-se com a preferencia. — *Dora*

Para...

Esbelto Infante: — Disponha sempre da minha amizade. Lubowska: — Eu encantadora? Agora tenho certeza que não me conhece... Martha Lyrio: — Por que desappareceste? Alma Leda: — Acceite minhas felicitações... Alma Soffredora: — Como estás, gentil amiguinha? P. Arrependida: — Que me contas de novo? Zingaresca: — Desistiu das «piadas»? Ora!... não me prive do prazer de rir-me da sua «espirituosidade». — *Virgem de Stambul*

Agradecendo...

A' amiguinha ou amiguinho que incognitamente me enviou 8 exemplares da sempre querida «Cigarra», queira, por estas columnas, receber os mais effusivos agradecimentos da — *Virgem de Stambul*

Marcos Silva

(Santos)

Recebi sua prezada carta e, sciente, procurei a moça em questão, cujo sobrenome é Alvarez. Fallei-lhe, expondo-lhe o seu e o desejo da sua familia, em recomeçar a correspondencia paralysada. Respondeu-me que ia fallar com a familia e depois lhe escreveria. Pedindo-lhe desculpas pela demora, aqui continúa ao dispôr das suas ordens, a amiguinha — *Virgem de Stambul*

Nem Queiram Saber

I

És bondosa demais; porque se assim não fosse, não accederias á minha supplica, tendo em vista a minha tão grande rudeza. Todavia, e apesar de sentir-me acabrunhado, por acharme em contacto com uma tão intelligente collaboradora, e não ter eu o cultivo preciso para testemunhar-lhe a minha gratidão, deixo aqui a mais alta expressão do meu agradecimento.

II

Entremos em acção: Uma pergunta um tanto inopportuna, porém de grande necessidade para mim, pois me julgo muitissimo inexperiente: A mulher ama ou finge? Se achares que ama, dize-me como e por que: e se finge, se ha razão ou não. Ao teu dispor — *Escravo Liberto*

Flor d'Alisa

Respondi tua cartinha e mandei um artigo á Cigarra, o qual não foi publicado. Agradeço de coração por me acceitares como teu noivinho; faço votos que consigas illuminar meu espirito, enchendo de esperanças com o fulgor de teus lindos olhos verdes a profundidade de meu coração que vive na maior descrença — *Cysne*

Noivinha

Procuro uma, que seja boazinha, sympathica, que me ame com sinceridade. Meu perfil: moreno, alto, olhos castanhos, cabellos pretos e lisos. Gosto immensamente de cinemas, bailes, kermesses, fazer o triangulo e passear nas feiras. Resido na Liberdade. Prometto ser sincero a quem acceitar meu coração, que até hoje não sabe o que é amar. Resposta por carta ao — *Angoulême*

Aos leitores e leitoras

Sendo novato nesta revista, venho offerecer a minha obscura e sincera amizade. Contando com as vossas attenções, desde já agradece e subscreve-se com estima e admiração o sincero calouro — *Angoulême*

Juruá e Figueirôa

Juruá: — Conhece-me? De onde? Qual o seu perfil? Iniciaes? Onde é que costumamos conversar? Figueirôa: — Eis-me de volta e prompta para conhecer-te. Acho melhor marcares entrevista. Estudo no Lyceu Nacional Rio Branco, das 8 ás 11 1/2 horas da manhã Aos dois, saudades da — *Hilda*

Noivinha

Procuro uma, que não seja muito feia, deteste bailes e outras futilidades. Meu perfil? Lá vae elle: moreno, cabellos e olhos castanhos, 1,65 de altura, 18 annos. Resposta para — *Le Danger*

verifico seres tú o ente ideal que inteiramente me prende á vida! Julgo ver teus meigos olhos a contemplar-me amorosamente: mas, neste doce sonhar uma tristeza me punge: — é pensar que duvidas do meu amor tantas vezes confessado de...

II

...viva vóz e outras tantas no que te escrevi. Por isso, affirmo-te de novo que te amo, além de todas as as expressões, e que este amor perdura e viverá

Para...

Jorba & Cascudo: — Offereço-lhes a minha amizade. Acceitam? — Maramonys: — Comment allez vous?: — Alma Leda: — O prazer é todo meu. — Conselheiro do amôr: — Obrigado. — *Le Danger*

A quem amo

I

No silencio da noite é que mais nitida surge a tua radiosa imagem e é quando mais firmemente

eternamente em meu coração, que podes considerar inteiramente teu e só teu. A suspeita que te alanceia tambem a tenho bem dolorosamente sentido, quando considero a minha insignificancia em confronto com os teus encantos e a tua...

III

... belleza e quão mesquinho e pequenino sou para que me preferisses entre tantos rivaes que te desejavam e queriam merecer-te. Nestes crueis momentos, nenhuma dor poderá ser egual

á crua dor que sinto! E, pela sua intensidade, pela angustia que então soffro, fico certo de que és tudo para mim e que, sem a doce convicção de ser correspondido, melhor seria não viver — *A. S.*

Para...

Vargas: — Não sou culpada por ser descrente; a culpa é das dores que o mundo e os homens accumularam em meu coração, abrindo-lhe tantas feridas. As chagas que suas acerbas palavras gravaram em meu coração ainda não cicatrizaram. Mondego: — Amigo, palavra cara, feliz quem encontra um. A palavra é a mais commum, mas é a coisa mais rara... — *Liliana*

Deus

I

Deus existe, vive na nossa consciencia, na consciencia da humanidade, no Universo que nos rodeia. Nossa alma o invoca nos momentos mais solennes de dôr ou alegria. O Universo o manifesta com a ordem, harmonia, com a intelligencia dos seus costumes e suas leis. Não existem atheus entre nós, e, se existem, são dignos de compaixão e não de maldição...

II

Aquelle que pode negar Deus deante de uma noite estrellada, junto á sepultura de seus queridos, deante do martyrio, é grandemente infeliz ou culpado. O primeiro atheu foi sem duvida um criminoso e procurava entre os homens, negando Deus, livrar-

se de sua unica testemunha, porque não podia suffocar o remorso que o atormentava — *Lili ou Liliana*

Para...

I

Poupée e Esbelto Infante: — Ouvi algures fallar de uma flôr, que viceja em minas de carvão, cuja côr alvinitente é flagrante contraste com o negror existente em derredor. As particulas anthracoticas não conseguem pousar em suas petalas, pois não encontram nella infractuosidade alguma. Essas flôres, Poupée e Esbelto Infante, symbolizam as almas...

II

... como as suas. Alvas, muito alvas, são ellas preciosas florinhas humanas que trescalam o perfume subtil de uma grande pureza de sentimentos, no torvelinho desse mundo. O meu coração vibra de alegria, unisono com os meus melhores e mais festivos agradecimentos pelos laudatorios dirigidos a — *Sorriso*

Caçador de Esmeraldas

Poupée tem medo, muito medo da revolta enciumada das Esmeraldas. Protegida pela espessa «vitrine» da Cigarra, mais difficilmente será trincada pelas cortantes facetas dessas pedras. Correspondencia directa, não é embalagem segura, pois a propria palha de resguardo será o cioso zelo de sua secretaria. E seus olhos, acostumados com fulgores esmeraldinos, ficarão entenebrecidos com a insignificancia de — *Poupée*

Resquicios

Garôa!... E eu fiquei a fitar, insulado e mudo, esse teu cahir intermitente e dolorosamente suave. Quanta vez, garôa, me deste um sonho esplendente, uma altivolante esperança, uma saudade amarga. Enternecedor pranto de minha terra... E eu tive um desejo forte de chorar comtigo, todos aquelles castellos de amor esboroados, que me ajudaste a construir... — *Albatróz*

Respondendo:

Ben Hur: — O prazer é todo meu. Disponha. Armand Duval: — Offereço-lhe minha amizade. Acceita? A Trinca de Almirantes: — Muito me alegrou acceitarem minha amizade.

Troika: — Ha quanto tempo não me escreves... Esquecestes de mim? Tamoyo: — Então, queres, mesmo, ser meu alumno? Ora pois, acceito. Resido na Capital, no bello bairro da... Escreva-me. A todos «recuerdos» de — *Tamoya*

Saude

Allô, Cigarra! Chame e diga: — Menina de ouro que deixe de bancar certo quê... Elzinha que deixe de ser gorda... Marquezinha que não seja tão sympathica... Flôr do Sertão que não seja tão feia... Maria que deixe de ser bobinha... Ermelinda que deixe de fazer fitinhas... E eu, sempre o maluco do — *Affonsito*

Atheneu Brasil

(Pode e não pode)

I

Durcilla, namorar o Hugo pode, mas esperar á sahida do Ypiranga não pode. Lydia gostar do Martinelli pode, mas não ser sincera não pode. Nasin apaixonar-se pela Marcellina, pode, mas exceder-se não pode. Ary, gostar da Hollanda pode mas o Max zangar-se não pode. Alvaro, admirar a Diná pode mas esquecer-se da M. Nogueira não pode.

II

Orlando, comprar capote novo pode mas vir todos os dias com elle não pode. Manoel namorar pode, mas passeiar com a pequena na rua S. Pedro não pode. Marina, namorar o Chico pode, mas escondido não pode. As meninas do 1.o anno comprar doces podem, mas passar «5 dedos» não podem. Eu, brincar com meus collegas posso, mas elles ficarem zangados não podem. — *Amante da Solidão*

Amiguinha

Desejaria tanto que a minha cartinha encontrasse uma alma caridosa a quem desse prazer o corresponder-se commigo... Estou cançada de trilhar sosinha o arduo caminho da vida... Apparecerá essa alma gemea tão desejada e que eu ainda não encontrei? Permittam os bons genios que isso succeda. No entanto, desanimada, confio a ti, querida «Cigarra» o desabafo do meu coração. — *Simone*

Destino...

...tú que sabes quão bom é o meu coração e quaes são os meus predicados, porque não és bom, para mim? Porque me fazes alvo dos dissabores desta vida? Tú que enxergas até aquillo que nos torna invisiveis, que és o verdadeiro predistigitador, por que não me deste outro caminho? Destino — és bastante máu, para mim!... — *Virt*

Julio de C.

Si algum dia me vires morta, abras o meu peito, e verás que n'uma das fibras mais ardentes está o teu doce nome. Não o tires. Deixa que o conduzam até o tumulo, para que ahi, sobre o gelado marmore do esquecimento, fique invisivelmente gravado o nome que mais caro me foi no mundo. Qual é? Julio... — *Rouxinol de Trança*

Walter

Em attenção ao seu pedido respondo o seu bilhete. Deixei-o sem resposta, visto já ter você se interessado por outras... e eu não gosto de metades. Vejo agora que teve por mim algum interesse tambem. Caso não esteja ainda «compromettido» com outra, envie seu perfil no proximo numero para — *Walkyria*

Conselheiro do Amor

I

Com um sincero «muito obrigada», quero expressar-lhe o meu agradecimento pela delicada attenção que você teve para commigo, promptificando-se a collaborar em meu singelo album, escrevendo aquelle lindissimo «pensamento»...

II

Ha uma impossibilidade que me impede de enviar o album á Redacção, o que me contraria bastante, pois minha alegria seria completa si pudesse fazel-o... Sua admiradora — *Rouxinol de Tranças*

Informações

Rogo ás gentis leitoras informarem-me si pertence a alguem o coração de uma jovem, que trabalhou na S. P. R. e é filha de Maria na Igreja S. Antonio do Pary. Vejo-a todos os domingos á missa das 7 horas. E' morena e bella. Agradecido. — *Chevalier D'Amour*

Alzira Carvalhaes

(Banco Germanico)

Nunca mais tive noticias tuas. Continuas mal commigo? Por que? Na ultima vez que nos encontrámos, respondeste seccamente ao meu cumprimento. Terei a ventura de ver ainda, um dia, brilhar um sorriso nos teus labios e admirar o lindo verde dos teus olhos? Saudadesinha do — *Paraná*

Informações

Peço, aos queridos leitores, a gentileza de me informarem a quem pertence o coração de Achilles Bloch da Silva, residente á rua S. Vicente de Paula n.o impar. Muito grata ficará a leitora — *Alma Tristonha*

ANNO XVIII
NUMERO 403

A CIGARRA

SETEMBRO 1931
1.a QUINZENA

FUNDADA POR GELASIO PIMENTA

REDACÇÃO - ADMINISTRAÇÃO: RUA JOÃO BRICCOLA, 10 - 2.º ANDAR (PREDIO PIRAPITINGUY)

TELEPHONE: 2-3471 — CAIXA POSTAL 2874 — SÃO PAULO

DIRECTOR - PAULO PINTO DE CARVALHO

O Poema da Sinceridade

— Trago uns versos para você ouvir...

— Versos? E' coisa muito comprida?

— Não. Um poemazinho que escrevi quando ainda não eramos noivos.

— Pensando em mim?

— Em você... Quer ouvil-o?

— Leia.

O noivo tirou do bolso largo do jaquetão uma folha dactylographada. Ageitou o nó da gravata no angulo do collarinho. Passou os dedos abertos em pente pelos cabellos bem cuidados que irrompiam em promontorio viçoso por entre as bahias fundas de uma calvicie precoce. E leu. Com emphase. Com tristeza. Dolorosamente.

Os versos não eram maus. Nem bons. Um desenvolvimento da equação sentimental: noivado + poesia = banalidade.

Eu tambem vou cantar uma canção
de amor que não foi escripta
para nenhuma de vocês.
Mas, para que?... Seria em vão:
— si quem os inspirou não acredita
nesses versos, talvez,
que fará outra qualquer?
E vocês, mulheres, não entendem, não,
— nunca! — os versos feitos para outra mulher...

A noiva, recostada indolentemente na macia poltrona, continuou com os olhos pestanudos fixos num ponto vago, perdido entre o repuxo vagaroso de fumaça que a ponta de seu cigarro atirava para cima, num jacto molle, de camara lenta... As pernas encolhidas mostravam os fechos lavrados das ligas. A cabelleira loira cahia para traz, em desalinho cheiroso.

— Gostou? Vêja como sou fiel. Que me adeantava o amor de outras mulheres, depois que a conheci? Você é tudo o que sonhei na vida. Que inveja, quando eu levar você pelo braço, quando tivermos o nosso lar... E os nossos filhinhos? Ah! Si você não me quizesse mais, eu era capaz de me matar...

— Ai!

A moça ergueu-se, de repente, com a mão direita sobre o coração.

— Que foi? Assustei você?

— Assustou, sim...

— Desculpe-me, querida. O meu amor é tão grande!... Agora, sim, tenho a certeza de que gosta mesmo de mim.

Quando o noivo sahiu, Zizinha foi, depressa, ao toucador para applicar, no collo delicioso, um pouco de uma pomada qualquer, sobre a pequena queimadura que o cigarro lhe fizéra, cahindo-lhe de entre os dedos, durante o cochilo, emquanto o noivo lhe sussurava o «Poema da Sinceridade»...

MELLO NOBREGA

Expediente d' "A Cigarra"
Redacção - Administração:
RUA JOÃO BRICCOLA N.º 10 - 2.º And.
(Predio Pirapitinguy).

DIRECTOR: Paulo Pinto de Carvalho
GERENTE: Armando Bertoni

Correspondencia — A correspondencia deve ser enviada para a Caixa Postal 2874.

Recibos — Os recibos só serão validos quando assignados pelo Gerente ou pelo Director.

Assignatura — O preço da assignatura annual é de Rs. 24$000 (vinte e quatro mil reis).

Clichês — Em vista de seu grande movimento de annuncios, **A Cigarra** não se responsabilisa por clichés que não forem procurados dentro do prazo maximo de **tres mezes.**

AGENTES NA EUROPA
E. BOURDET & CIE.
9, Rue Tronchet, PARIS
19, 21, 23, Ludgate Hill
LONDRES

AGENTES NA INGLATERRA
LATIN-AMERICAN PUBLICITY SERVICE LTD.
London, 5 New Bridge Street - N. - C. - 4.
SUCCURSAL EM BUENOS AIRES:
Lima & Cia., Calle Tacuari 1542
Succursal no Rio de Janeiro:
"A Eclectica", á Av. Rio Branco, 137,
Caixa 5292 — Phone Central. 3246.

COMO SE DIVORCIAM OS CHINEZES

E' bastante apresentar um documento como este:

«O abaixo-assignado, Hing-Hing-Wang, tomou por mulher Sinn Tchoang. Achando-se em situação de extrema miseria, sem roupas nem alimentos, não póde manter sua esposa, e, portanto, declara publicamente que se separa della, afim de facilitar-lhe a obtenção de recursos para a propria subsistencia. Autoriza-a a casar-se com o homem que desejar e não fará a menor opposição. Para comprovar o que affirma, escreve este documento com seu punho e letra, como garantia».

A ETERNA INCOMPREHENSÃO

John Bennet, descobridor da liga do aluminio, foi encerrado e morreu num manicomio por declarar, publicamente, ter encontrado e poder fabricar um metal «mais branco que a prata, mais barato que o ferro e mais leve que a madeira».

Noventa annos depois de sua morte, reconheceu-se que, longe de estar louco, foi um bemfeitor da humanidade e que realmente havia descoberto um metal.

DO REPERTORIO COMMERCIAL

Dinheiro só se empresta a um bom amigo. Um bom amigo não pede dinheiro emprestado.

Cocktail

THEATRO DE PORTUGAL

Quem diz «theatro portuguez» diz cachopas e morgados, pegureiros e vindimadores, tricanas e moleiros... E quem vae assistir a uma revista lusa sabe que ha-de ouvir, fatalmente, phrases como esta:

— Ai! que o vinho é sangue de Christo!

— Sim, mas o pão é corpo de Deus!

— O fado nasceu em Alcacer-Kibir e é a propria alma da nacionalidade!

— Oh! as guitarras a planger, e a agua das fontes a correr, e a estrella d'alva a brilhar, e as velhinhas a pensar nos filhos que estão no Brasil...

E ha sempre uma artista vestida com trajes regionaes, lá delles, que recorda á gente que o Brasil já foi colonia de Portugal, mas hoje ambos são patrias irmans. Quando a artista acaba de contar tudo isso, é fatal que o panno de fundo se levante e o publico enthusiasmado, veja Portugal e o Brasil, representados por dois artistas da companhia, trocarem um fraternal amplexo.

Fóra esses, que são os mais dignos de nota, ha outros lugares communs do theatro portuguez. Por exemplo: o Natal, louvado por galantes pastorinhas e gentis mancebos enamorados das primeiras, verificando-se ao termino de um bailado a surprehendente apparição de Christo em diversas edades.

Outro exemplo: a colheita das olivas, ou, ainda, as terriveis vindimas, que dão opportunidade aos galhardos morgadinhos de iniciar candidos idyllios com as humildes camponezas. E um idyllio digno desse nome começa da seguinte maneira:

***O Joven Morgado** — Deus vos salve, querida menina Christina!*

***A Menina Christina** — O mesmo vos digo eu, sr. Morgado!*

***O Morgado** — A menina Christina a modos que procura fugir da gente, nestes tempos mais chegados...*

***A Menina Christina** — (Ruborizando-se profundamente) — E' engano seu, sr. Morgado! Não creia nisso. Eu até que tenho muito prazer em vel-o.*

Nesse momento, o morgado, aproveitando-se da deixa, annuncia ter alguma cousa a dizer á menina Christina, mas não sabe como exprimir. A menina Christina, que já sabe de que se trata, ajuda-o proficientemente a sahir do embaraço e o morgado acaba declarando que, visto terem elle e ella vivido sempre juntos, desde pequenitos, sob o mesmo tecto, aquecidos pela mesma braza da lareira, alimentando-se do mesmo sagrado pão e bebendo pelo mesmo caneco, o não menos sagrado vinho, propunha-lhe elle casamento, afim de continuarem ambos em tão dulçorosa vida.

A menina Christina acceita invariavelmente, e o feliz par é casado, na pequena ermida do monte, por um parocho de cabellos brancos (nas revistas portuguezas não ha parochos de cabellos pretos).

A peça póde apresentar ainda uma ou outra scena nova e termina, sob geraes applausos da assistencia, por um fado que relembra, mais uma vez, a famosa amisade entre Brasil e Portugal.

JACK HALLIDAY

O VERBO "POR"

Apresentamos a seguinte prova de como e até que ponto os linguistas souberam «pôr» em actividade seu entendimento.

Apoiando-nos, pois, no verbo «pôr», temos que:

A gallinha, *põe.*
O vaidoso, *antepõe.*
O teimoso, *contrapõe.*
A testemunha, *depõe.*
O chimico, *decompõe.*
O industrial, *expõe.*
O Estado, *impõe.*
O caçoista, *indispõe.*
O ajuizado, *repõe.*
O intromettido, *se interpõe.*
O orgulhoso, *se sobrepõe.*
O calumniador, *suppõe.*
O ladrão, *transpõe.*
O homem, *propõe.*
E... Deus, *dispõe.*

CURIOSIDADES

E' tal a sensibilidade da tromba de um elephante, que elle pode recolher do chão uma agulha.

*

Na Noruega não se permitte o casamento ás mulheres que não possam apresentar um certificado de que sabem cozinhar.

— Sou eu, Guido... — murmurou Dora

OLHOS MORTOS

CONTO DE C. PROSPERI

Para a inauguração do «rink» de patinação, Dora havia envergado uma toillette encantadora, e, em frente ao espelho, volteava lentamente, mirando-se.

— Não está mal, pensou. — Que lastima a ausencia de Guido!

— Que milagre, — exclamou Luciana, sua irmã, — é a primeira vez que notas a ausencia delle.

— Sabes por que? — inquiriu a outra, com um sorriso malicioso, — porque esta noite sonhei com elle.

Logo se poz a contar nos dedos:

— Cinco... Seis... Sete! Ha sete mezes que não nos vemos! Para mim são poucos, mas, para elle, que parecia tão loucamente enamorado, são muitos. Não te parece?

Em bailes, theatros, passeios, era sempre Dora a primeira em divertir-se. Aos que extranhavam que o seu compromisso com Guido não interrompesse aquella serie de festas, respondia:

— Deus meu!... Depois nos encadearemos para toda a vida; divirtamo-nos agora um pouco.

Guido e Dora pareciam feitos um para o outro. Bellos, jovens, ricos, de nobres familias, de caracter alegre, ligeiro e mordaz, animados do mesmo ardor de prazeres, inclinados á despreoccupação; dotados dos mesmos gostos delicados e de innata elegancia. Nenhum dos dois se preoccupava, tratando de inquirir se teriam se amado em um ambiente differente; Dora parecia mais fria e sempre queria retardar o momento de casar-se, feliz com aquella vida de perpetua diversão.

Regressando do «rink» de patinação, alegre, rosada, viva, sentou-se a almoçar, enthusiasmada com seu exito.

— Que triumpho, queridos... Tinha muita gente. Só faltava Guido.

Porém, vendo que seu pae e seus irmãos não lhe respondiam, perguntou, admirada:

— Que occorre de novo?

Sua mãe, olhando-a docemente, respondeu:

— Almoça querida... logo te direi.

Terminado o almoço, Dora se recolheu ao seu quarto, um pouco inquieta. Ao ver entrar sua mãe, interrogou-a.

— Guido escreveu-nos...

— Ah!... E por que estão preoccupados assim?

— Porque sua carta é um pouco extranha. Diz... diz que quer viver sempre no campo.

— No campo?... Mas vae morrer de aborrecimento, com certeza. E que mais?...

— E..., como sua resolução é irrevogavel, elle te desliga de teu compromisso.

Reinou um largo silencio entre as duas mulheres. Dora permaneceu im-

movel, olhando sem ver, com um ar de torpor, emquanto sua mãe soluçava.

— Da-me a carta, disse Dora, por fim.

— Está com teu pae.

— E que disse papae?

— Está muito triste. Tu bem sabes como queriamos a Guido e, ademais, não comprehendemos o motivo deste rompimento...

— Eu tão pouco o comprehendo...

— Talvez, murmurou timidamente a mãe, — foi porque recusaste casar-te logo. — E, novamente, entrou a soluçar.

Dora, com beijos e palavras carinhosas, procurou consolar a velha senhora.

— E' curioso, disse, — que seja eu que tenha de consolar-te.

Realmente, aos olhos mais observadores, Dora permanecia indifferente; divertia-se mais do que antes, com uma especie de febre, como se tivesse as suas horas contadas; porém, quando estava só, seu rosto mudava de expressão e seu olhar, fixo e sombrio, revelava a preoccupação de sua alma. Uma pergunta acudia sem cessar aos seus labios:

— Por que?... Por que?...

Algum tempo depois, Guido tornou a escrever, porém sem explicar a causa de sua resolução. Dizia sómente que se considerava incapaz de fazel-a feliz e pedia-lhe perdão por tudo.

— Por tudo?... De que?... Estas duas perguntas martyrisavam o espirito de Dora, emquanto se vestia para um baile.

Mais tarde, ao regressar, já sósinha no seu quarto, emquanto mudava nervosamente de traje e arrancava bruscamente as joias e os adornos, gemia angustiosamente.

— Basta... basta... Não posso mais!

Levantou-se depois, lentamente, e olhou-se ao espelho. A imagem que o crystal refletiu era uma Dora bem differente. O soffrimento, brotando do fundo da alma onde ella quizera encerral-o, surgia de prompto, violento, terrivel, enchendo-lhe o peito de angustia e os olhos de lagrimas.

Longo tempo meditou, sem fazer caso da voz de seu orgulho, e, ao amanhecer, tomára uma resolução. Escreveu uma carta a sua mãe, vestiu-se rapidamente e sahiu de casa. Como uma somnambula, guiada por uma vontade extranha, encaminhou-se para a estação onde tomou o trem, e fez toda a viagem com o olhar fixo, perdido na distancia, pelas janellas abertas do vagão.

* * *

Alli ella se deteve um instante, inquieta, vacillante; era uma casa grande, isolada, silenciosa como uma tumba. Tocou a campainha e esperou, com os nervos tensos e os olhos como que obscurecidos por uma nuvem.

Alguem abriu — ella não poderia dizer quem fora, — e disse algumas palavras: o senhor estava, porém, não queria receber pessoa alguma... Um impulso irresistivel conduziu Dora; guiada pelo instincto, sem escutar o que lhe diziam, entrou como um relampago; subiu as escadas; abriu uma porta e deteve-se, palpitante.

* * *

Guido estava sentado deante de uma mesa, em uma attitude de desesperação e de abandono, com o rosto escondido nas mãos. Com voz surda, sem se voltar, perguntou: —

— Quem é?

— Sou eu, Guido... — murmurou Dora timidamente.

Elle levantou-se de golpe, com as mãos estendidas como para impedir que ella se acercasse e, depois de um longo silencio, perguntou com voz baixa e rouca:

— Que vens fazer aqui?... Que queres?... Não leste o que te escrevi?...

— Sim..., mas queria saber porque... queria que m'o dissesses... queria...

Calou-se, afogada pela angustia, e deu alguns passos para elle. Acercou-se até tocar-lhe com as mãos... Agora sim, o via bem!

Guido volveu os olhos para ella, e Dora não poude conter um grito.

— Guido, por que me olhas assim?

— Por que não te vejo! exclamou com immensa amargura o desgraçado.

Durante muito tempo resoaram no aposento os soluços de Dora; elle voltara a sentar-se e fallava com voz pesada, cheia de tristeza.

Não pudera, não havia querido escrever a verdade. Tivera esperança de ficar bom e tinha esperado. Errante, de aqui para alli, de medico em medico, de celebridade em celebridade...

Aquelle mal, que se apresentava de improviso, sem razão de ser, devia ter cura. Era possivel que o ferisse em pleno coração um horror semelhante? Havia passado dias e horas horriveis. Depois, comprehendera que nenhuma força, nenhuma sabedoria humana seria capaz de curar o seu mal, e, então, achava que era seu dever deixal-a livre... A essa idéia, porém, todo o seu ser se rebellara em uma grande desesperação, em um soffrimento dilacerante, espantoso. Comprehendera, então, a extensão immensa do seu amor, quando a desventura o reduzira a um homem acabado, um trapo... um escarneo da sociedade. Falou longamente, desafogando o seu coração cheio de amargura e, quando terminou, Dora se ajoelhou ao seu lado, tirou o chapéu, e deitou a loira cabecinha sobre as suas pernas. Guido acariciou suavemente os sedosos cabellos da rapariga, e, a este contacto, o seu soffrimento culminou e já não lhe foi possivel conter os soluços.

Delirando como um louco, alçou os punhos para o céu, como pedindo a razão de semelhante castigo, daquella cadeia sem appellação, daquelle soffrimento immerecido.

— Toda a vida!... Não mais te vêr... Viver sempre longe de ti, rodeado de trevas, só, com os olhos sem luz, mortos... para sempre...

— Oh! cala-te...

Dora sentiu-se desfallecer. Seu coração estalava de dor, de piedade, de amor... Estreitava Guido em um abraço desesperado; toda uma nova alma resplandecia em seu semblante, e, apaixonadamente, murmurou:

— Eu tambem... nunca te amei tanto como agora... Amo-te... E serei tua espossa, teu amor...

— Não... não... não é possivel...

— Sim, por que eu tambem não poderei viver sem ti... Tudo o demais me é indifferente.

Reinou, entre os dois, um longo silencio. Quão distante estava aquella outra Dora, despreoccupada e alegre, e o Guido brincalhão e risonho! Que mudança operara nelles aquelle soffrimento enorme! Cerrados os olhos do corpo, os da alma se haviam aberto para uma luz nova, e, agora, silenciosos, escutavam sómente o precipitado palpitar de seus corações, que um mesmo impulso movia.

Dora, humilde e apaixonada, falou, por fim:

— Dize que sim, Guido...

— Meu amor... Minha vida! exclamou elle.

E, pela primeira vez, comprehenderam o que era o amor e a felicidade.

Os Amigos do Homem

Gens - canina

SANTO - THYRSO

NERO — raça Terra Nova (New-foundland). Propriedade de D. M. A. L.

A julgar pelos annuncios, nos jornaes portuguezes, de cães que se perderam e pelos quaes se offerecem alviçaras, ha em Portugal duas raças bem definidas e inconfundiveis de cães. São o cão de raça e o cão de estimação. Na minha ignorancia do *stud-book* canino da minha terra, não sei quaes são as caracteristicas de uma e de outra, mas acho esta classificação de uma simplicidade extrema para quem não anda á procura d'elles com o cheiro nas alviçaras.

Em Inglaterra, onde gostam de complicar as coisas, desde a Constituição do Reino até á constituição da familia, classificam-se os cães em tres grandes classes — *hounds, dogs* e *terriers* — e dentro de cada uma d'estas cathegorias distinguem-se então as numerosas raças, taes como:

O fox-hound, e a sua miniatura, o beagle, o grey-hound, o blood-hound, o deer-hound, o mastiff, o bull-dog, o collie, o sheep-dog, o poodle, o setter, o pointer, o spaniel, o retriever e outros; o bull-terrier, o fox-terrier, o airedale-terrier, o scotch-terrier, o aberdeen-terriér, o irish-terrier, o yorkshire-terrier, o skye-terrier, o toy-terrier, e talvez outros que não me occorrem agora.

Além d'estes ha os cães estrangeiros — o grande dinamarquez, o cão de Ulm, o borzoi, o pomeranio, o chow-chow, o pekinese, o cão dos Pyrineus, a levrette, o dachshund.

Se são absolutamente desconhecidos os magnificos cães da serra da Estrella, do Alemtejo e de Castro Laboreiro, é porque em Portugal se permitte aos cães fazer, como se fossem pessoas, casamentos de amor, sem a menor consideração pelo futuro da familia. E assim, em vez de haver uma aristocracia canina de nomes conhecidos, caracteres distinctos e arvores genealogicas authenticas, existe uma anarchia em que só se distinguem *os cães de raça* e os *cães de estimação*. Os primeiros são em geral gozos do mais puro sangue. Quanto aos cães de estimação, vendo eu uma vez um annuncio de um que se perdera, e desejoso, não tanto de ganhar as alviçáras, como de satisfazer a natural anciedade do dono ou dona d'aquella prenda, dirigi-me ao primeiro cão que encontrei e perguntei-lhe se era estimado em casa — suppondo não haver outro

BOY — Propriedade do Dr. T. B.

meio de identificar aquella raça. O bruto arreganhou-me os dentes, e como eu não sabia se era esse um caracteristico, achei mais prudente ver, do que sentir, aquella dentadura tão admiravel que até parecia postiça. Talvez um cão de estimação seja um cão com dentadura postiça, e o arreganho do apparentemente sordido rafeiro fosse a resposta á minha pergunta. Mas venceu-me o instincto da conservação das pantorrilhas. A consequencia da minha covardia foi ficar o cão sem dono, o dono sem cão, e eu sem alviçaras. E ainda estou por saber como se reconhece que um cão que andou tres dias fóra de casa, perdeu a colleira, dormiu na lama e se alimentou nos caixotes do lixo, é um cão de estimação.

E' como se me dissessem que se perdeu um homem de bem e a esposa anciosa offerece alviçaras a quem lh'o achar. Se eu encontrar um sujeito com a barba por fazer, o chapéo alto amolgado, a sobrecasaca cheia de nodoas e as unhas tarjadas de preto como de quem anda de luto pelo sabão, tanto sei que é o homem de bem que a esposa reclama, o moderno Ulysses que a sua Penelope espera fazendo meia, como um vadio inveterado ou um dos communistas praticos a que a policia, a soldo dos capitalistas, dá o nome de gatunos.

Eu tenho um grande amor aos cães, e por isso me irrita a ignorancia que ha em Portugal do almanach de Gotha canino e da psychologia d'estes animaes, que se parece immenso com a psychologia humana, para melhor.

Da plebe direi que o cão do campo, como o camponio, é desconfiado e pouco intelligente. Tem certas idéas rudimentares e estreitas, como são a fidelidade ao dono e a hostilidade, ou o medo, ao estranho. Não tem o sentimento da honra no sentido cavalheiresco da palavra. Não tem vergonha de fugir ou de fazer uma espera. Por outro lado, se lhe disputam o osso, atira-se ao adversario sem pensar nas consequencias do seu acto, o que denota falta de imaginação. O medo onde não ha perigo é proprio das pessoas educadas com a imaginação desenvolvida. O medo onde existe o perigo real é proprio das pessoas ineducadas a quem falta a honra cavalheiresca e sobeja o amor á pelle mal lavada. O primeiro é o medo imaginativo, o segundo é o medo instinctivo. O cão do campo tem o medo instinctivo, que só cede ao amor do osso, do mesmo modo que as revoluções dos camponezes começam sempre por largar fogo á Repartição de Fazenda, que é quem lhes disputa o osso.

O rafeiro da cidade é como o gaiato, esperto, philosopho, cheio de expedientes e vivendo d'elles.

Um dia um diplomata estrangeiro em Lisboa, quando estava compondo um despacho ponderoso e inutil, viu com surpresa entrar-lhe no gabinete um tropel a cuja frente vinha um cãosito amarello, que não era de raça nem de estimação, e atraz o escudeiro, dois lacaios, a creada dos quartos e o guarda portão. O cão agachou-se-lhe aos pés agitando o rabo em tom supplicante, e a creadagem formou em semicirculo respeitoso. O diplomata, com o espirito inquisitivo da sua profissão, perguntou o que motivara aquella violação do sagrado recinto onde habitualmente se jogava a sorte dos Estados. O guarda-portão explicou que passava na rua a carroça municipal de apanhar cães vadios. Ao vel-a, o rafeiro tratou de se escapulir; os funccionarios da carroça perseguiram-no; mas um cão geralmente corre mais que um funccionario, e este, vendo aberta a porta da legação enfiou por ella dentro sem que lh'o pudesse impedir o funccionario diplomatico encarregado de a guardar. Subiu a galope a larga escada, seguido

(*Continua no proximo numero*)

Dolores

Trecho de novella do livro "SS. Exias. as Mulheres", a sahir em Dezembro.

Naquelle tugurio sordido, que os bohemios chamavam «O nove», elle encontrara o amor.

Era u'a mulher dessas que a gente não sabe de onde veem nem quem são. Um dia ellas apparecem com um nome que inventaram e uma historia que esqueceram.

Era uma dessas mulheres que não interrogam os homens e não respondem ao que elles lhes perguntam; ou mentem quando respondem; que não conhecem illusões do futuro; que não trazem sonhos do passado.

Quando ella percebeu que o amava, falou-lhe uma noite, com o olhar longe, como se repetisse palavras que já dissera mentalmente, muitas vezes:

— Isto não deve continuar. Sempre acreditei que nasci para soffrer. E a felicidade, que encontro neste amor, causa-me medo. Habituei-me a comprehender quê a alegria é o aperitivo da dor. Sim: não podemos continuar. Vou-me embora. Quero ir para longe, bem longe. E viver de lembranças, como se fosse um grande sonho o nosso affecto, pensando na criança boa que derramou algumas gotas de perfume na agua podre da cisterna que é a minha vida...

A mulher falava lentamente, soletrando, no meio-silencio da alcova, as palavras que vinham de longe.

Crystaes, beijos e risadas soavam juntos, no fundo do corredor, e chegavam até ella, com o bater assustado de seu coração.

— Você me esquecerá. A vida, aos seus olhos, é uma lampada bonita que ainda não se apagou... Amar é tão bello, tão facil, na sua edade!... Mas, quando se tem, como eu, a alma envenenada; quando as esperanças não nos enganam mais, o amor é o supplicio de desejar o que sabemos impossivel, mas que não podemos renunciar, esquecer...

Elle olhou-a com um sorriso triste:

— Ora minha amiga! O amor é um momento nos poucos minutos de nossa vida. Você terá outros momentos como este, e, sonhando dentro de cada um delles, esquecerá os que passaram e não pensará nos que hão de vir.

Parece-lhe horrivel, agora, a ideia de que a poderei esquecer. Amanhã você não pensará isso. Virão outros homens e você ha de agarrar-se a elles como se agarrou a mim. E todos serão recebidos com um beijo e despedidos com um insulto. Será sempre assim. Sempre. E sua vida continuará na mesma immutavel regularidade, até que você se resigne, até que você volte a cuidar do que foi o seu sonho no principio de sua profissão: depennar os homens e ser, na velhice, a proprietaria de uma casa como esta...

Tulio tomou o chapéo e sahiu. A mulher ficou olhando a porta, calada, sem pensar. De repente, toda aquella dor extravasou em lagrimas e soluços. Correu para uma gaveta, agarrou um tubo de vidro, dissolveu n'agua tres pequeninas pastilhas e emborcou o copo.

Sempre chorando, cahiu no divan e afundou a cabeça entre as almofadas, para que ninguem ouvisse seus lamentos.

Ficou alli, estorcendo-se e gemendo, até que não sentiu mais nada.

Da alcova contigua, vinha, como um insulto, uma gargalhada clara e sonora.

Na varanda, alguem lembrou:

— Que estará fazendo, no quarto, a Dolores?

ARMANDO BERTONI

Vózinha...

I

Nunca teve um amor: viveu sempre sozinha.
Foi hoje para o céo, que ha cem annos fitava...
Seu nome? Para nós era apenas — Vózinha.
Deus abençoe, em sua gloria, aquella
Que tanta vez, aqui, nos abençoava!
Ninguem chorou por ella:
nunca teve um amor, viveu sempre sozinha...
A morte, sim, a morte a fez ficar tão bella,
que o mais indifferente, agora, vem olhal-a.
As proprias crianças, sem o minimo receio,
nas pontinhas dos pés, quédam-se a contemplal-a...
¡Quem a vê a dormir, entre rosas e lirios,
calma,
quasi risonha,
tem a impressão de ver uma fada que sonha...
Em torno della, quatro cirios
apontam o lugar para onde foi sua alma...

II

Seu enterro foi mais alegre que um passeio.
O caixão muito branco, enfeitado de flores,
oscillava nas mãos das moças distrahidas,
como um ninho suspenso entre as altas ramadas...
O sol fulgia sobre as nuvens coloridas...
O vento ia dobrando as folhas das estradas,
como quem lê depressa e suspende a leitura...
Ninguem pensava em morte, ao levar a Vózinha...
Apenas, lá uma hora, alguns senhores
tiraram o chapéo, num grande cumprimento...
Depois, ella ficou na sua sepultura,
sob a lapide azul do firmamento,
como sempre viveu, anonyma e sozinha...

CLEÓMENES CAMPOS

Do livro «Humildade», a sahir.

A Nova Ortografia

AURELIANO LEITE

Afóra Silva Ramos e Mário Barreto, no Rio, Sílvio de Almeida e Amadeu Amaral, em S. Paulo, sou no Brasil quem mais tem perseverado no uso da ortografia oficial de Portugal.

Silva Ramos, que exercitava mais o professorado do que o escrever, até expirar, há menos de um ano, grafava pelo sistema português. Seu amor a êle era tanto que por não poder impô-lo chegou a demitir-se da comissão da Academia Brasileira que cuidava da reforma ortográfica. Guardo do imortal vélhinho, tão limpo e tão culto, uma carta curiosa me dando parte disso.

Sílvio de Almeida foi no Brasil o maior pregoeiro da ortografia luza. Logo após a sua oficialização pela república de ultra-mar, em 1910, o poeta e filólogo não só passou a usá-la, como fez dela pela imprensa e pelo opúsculo uma sábia propaganda. Logrou tal repercussão a campanha vanguardiada por Sílvio, que o jornal «Estado de S. Paulo», com todo o seu conservantismo, a adoptou por uns tempos. Faltou na ocasião o apoio oficial. Fracassada afinal a sua divulgação, Sílvio contentou-se com fazê-la veículo de seu pensamento, até morrer, quer nos seus livros, quer nos seus artigos jornalísticos.

Amadeu Amaral, influenciado pelo último, filiou-se á corrente dos ortografistas luzos. Mas não se mostrou da perseverança dos demais. Ultimamente, quer dirigindo o «Diário Nacional», quer assinando seus artigos no «Estado de S. Paulo», o imortal paulista arripiou carreira.

Mário Barreto, finalmente, é quem está aí, na vida, ensinando a língua, sempre segundo ás regras assentadas na república do sr. general Carmona.

Afóra estes, não sei de mais ninguém que perseverasse como eu, no uso das regras portuguesas, até estes dias de revolução e anarquia, em que o sr. Francisco de Campos oficializou a reforma estabelecida pela Academia Brasileira de Letras e que é, mais ou menos, a luzitana.

Já agora, não estamos sòsinhos o sr. Mário e eu. Pois muita gente já passou a usar a nova ortografia.

E olha que foi um sofrer êsse tempão em que me pus a grafar segundo Portugal. Com quanto nome feio me fulminaram! Pernóstico foi o menos que me chamaram.

Aqui, há uns seis anos, cheguei a polemicar à cerca deste assunto, rebatendo ataques ao sistema português de, entre outros, o sr. Sud Menucci, pelo *Estado*. Interessante que o que não grangeou prosélitos em S. Paulo chegou a ter repercussão no estrangeiro. Loise Ey, lente da Universidade de Hamburgo, Alemanha, compondo um manual de conversação alemão-português, adoptou a ortografia de Portugal, por influência de meus artigos no «Diário Popular». Jaz isso lá, à pag. IX, de seu livro «Portugiesische Conversation-Grammatik».

Ignorantes chegaram a supor que a maneira de eu grafar fosse uma invenção minha! Tal qual Vicente de Carvalho, que tinha o seu processo... Coitados! Pobres de cultura! Ignoravam que essa ortografia, sistema scientífico, representa o esfôrço seguido de um seculo de lucubrações filológicas. Desde os antigos Soares Barbosa, Castilho, Garret, Camilo, Latino, até os modernos Figueiredo, Adolfo Coêlho, Nunes Viana, Micaelis e outros, que se estudava para construí-la.

A reforma da nossa Academia não fez senão amputá-la e mal de algumas exigências. No conjunto, é quase a mesma de Portugal. Uma das amputações mais infelizes é a não sistematização dos acentos.

E' aliás a parte da grafia portuguesa que mais injustos combates há sofrido.

Há pouco tempo, Belmonte traçou, com êsse intento, na «Folha da Manhã», uma crónica-caricatura a respeito de meu livro «Retratos a Pena». Enfeitou de acentos esquisitos uma imitação burlesca do meu pobre estilo...

Monteiro Lobato, já de novo em S. Paulo, escrevendo-me à cerca das

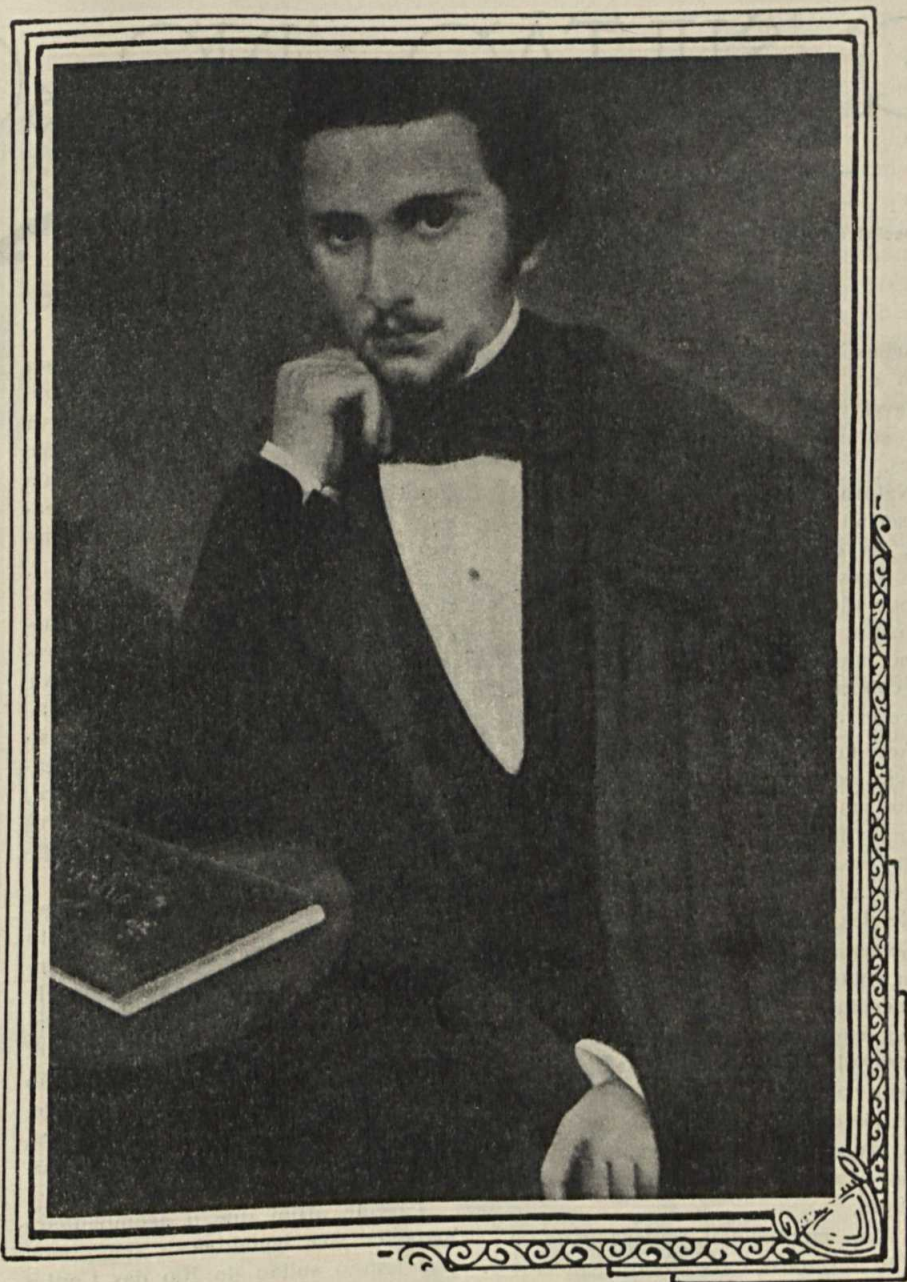
(Continua na pag. 37)

O Poeta do Amor e da Morte

Era de tradição que os jovens bacharelandos recebessem de suas noivas, como lembrança da formatura, uma pasta de papeis para collocar sobre a mesa. Não raro o desejo de que chegasse logo o dia suspirado, termo da vida bohemia de estudante, inicio da vida publica, e realização de tantos sonhos, — fazia com que se antecipasse a dadiva.

Manoel Antonio, ao chegar ao Rio, recebeu-a, não das mãos da noiva, que não teve, mas das mãos mimosas de Nhanhan, Maria Luiza, a irmã predilecta.

Porém, a Morte, que sua musa invocára com insistencia, o espiava. Um secreto presentimento lhe dizia, como indizivel adejar de azas negras, que estava tudo acabado.

Manoel Antonio despedia-se da vida. Dir-se-ia que uma secreta curiosidade o animava. Estirado no leito, tranquillo, risonho, pediu para vêr um ou outro amigo; ou os objectos de que gostava. Angelo levou-lhe «Fiel» ao quarto, o grande cão terra-nova, inseparavel companheiro nas caminhadas de S. Paulo e do Rio. Queria vel-o antes de partir... Na cabeceira do leito permanecia a pasta de velludo vermelho bordada por Maria Luiza. De um lado as suas iniciaes: M. A. A. A.; e logo abaixo: «Estudante do 5.o anno», o que elle não chegaria a ser! Do outro lado, lia-se «Academia de Sciencias Juridicas e Sociaes de S. Paulo». Acarinhava longamente as flores de seda, bordadas com o pensamento nelle, por dois olhos — bem o sabia! — cuja luz era elle proprio! Quantas recordações, quantos sonhos despertava, quantos castellos desfeitos!

Manoel Antonio Alvares de Azevedo, cujo primeiro centenario do nascimento se commemora neste mez.

A pasta de bacharelando de Alvares de Azevedo

Quando elle faltou, Maria Luiza já não tinha lagrimas para chorar o irmão idolatrado. Não teve consolo, não teve distração. Jovem, com vinte annos em flôr, Maria Luiza nunca mais sorriu. Nem dois annos decorreram antes que ella fosse fazer companhia ao irmão, no recanto tão pittoresco de S. João Baptista da Lagôa. A morte os separou, a morte os reuniu: tão amigos foram em vida, dormem na mesma morada o eterno somno!

VICENTE DE AZEVEDO

O SULTÃO DO RIO DAS CONTAS

(Especial para A Cigarra)

por ASSIS CARVALHO

Sebastião Pinheiro da Fonseca Raposo era neto materno daquelle formidavel vulto do bandeirismo paulista que se chamou Antonio Roposo Tavares.

Natural de São Paulo, internou-se no sertão de Minas Geraes muitos annos, na companhia de Garcia Rodrigues Paes Leme, á cata de esmeraldas, e, por ultimo, havia proposto ao governador, D. Braz Balthazar da Silveira, uma jornada áquellas regiões, a explorar certa socáva em que as descobrira.

Acceita a proposta, D. Braz da Silveira despachou-o com uma provisão em que lhe fazia dádiva do fôro de fidalgo, do habito de Christo e de uma tença — para o caso de trazer abundancia das pedras verdes cubiçadas (1713).

Sebastião Pinheiro Raposo mergulhou, então, novamente, nas mattas desconhecidas — mas tão grandes foram as violencias que ahi praticou e tão desbragada foi a sua devassidão, que o Tribunal do Santo-Officio contra elle expediu ordens e o potentado paulista viu-se forçado a foragir, mettendo-se á aventura pelo adusto sertão bahiano.

Ahi, empolgou-o inteiramente a paixão do ouro e de todo esquecido da familia, pervagava de riacho em riacho, na lavagem das areias, seguido duma récova de negros e mamelucos, a par dum serralho de mucamas, das quaes tinha varios filhos.

Foi ter desse modo ao districto do Rio das Contas e, a trez leguas da paragem alli denominada Matto Grosso, deparou com um ribeiro onde constatou ouro de bôa pinta. Derrubou então, alli, uns capões de matto vizinhos, plantou roças e levantou um arraial.

— «Entrou depois a minerar, dava noticia Miguel Pereira da Costa, ao Vice-Rei Vasco Fernandes Cezar de Menezes, pondo vigias nas partes mais altas, e sentinellas no caminho para que não deixassem lá chegar alguem; e como era poderoso, com o temor conservava o seu respeito e despótico imperio. Teve tal fortuna, que achou ouro a quatro ou cinco palmos de cava da sua formação e trabalhava ao principio com oitenta batêas; mas, dando com ouro graúdo, metteu toda comitiva, columins e fêmeas a trabalhar, com que chegou trazer ao riacho cento e trinta batêas.» —

Na afflicção de accumular o precioso minério em treves dias, Sebastião Pinheiro Raposo mandava despejar as batêas em que apontava miúdo, buscando tão sómente pedaços e folhetas — e dando por acaso n'alguma mancha maior, fazia agitarem-se as batêas pela noite dentro, á luz avermelhada de fachos, até tombarem os escravos exhaustos, aos primeiros clarões d'alva...

Homem de alma empedernida e genio inflamado, matava de prompto todos servos que apanhava desviando ouro; e mettia desapiedadamente o chicóte naquelles que não logravam vencer mais duma libra de jornal.

O seu egoismo de avaro éra tão grande, que nem a um seu enteado, por nome Antonio de Almeida Lara, permittia compartilhar da sua abastança.

Parente affim que o acompanhára naquella sua ignominiosa fuga, nem por isso o sultão do Rio das Contas o admittia a mineirar junto á sua fabrica. Antonio de Almeida Lara vinha por isso mais atraz, como humilde faiscador de carumbé, revolvendo a terra e o cascalho já movidos, colhendo pacientemente o ouro miúdo desprezado nesses residuos.

Dentro em breve, porém, Sebastião Pinheiro Raposo não vio mais colheita de pepitas que bastasse á sua ambição.

Empilhára borrachas e surrões prenhes do flavo metal de mistura com outros cheios de mantimentos — de modo que ninguem podia saber ao certo o acervo de ouro que accumulára.

Aos mais curiosos, que aventuravam uma pergunta nesse sentido, o bandeirante temerôso sorria, demorando sobre elles a luz de seus olhos garços, frios, perscrutadores, longamente afeitos a perquirir macissos e serapilheiras. Depois, dando de hombros, respondia com fingida indifferença: — «Óra, eu devo ter alli umas arrobinhas...» —

Eram oitenta arrobas de ouro que arrancára ao sólo daquelles asperos sertões do Rio das Contas — e na ancia de areias virgens que lhe fornecessem outras muitas, levantou um dia acampamento e com toda sua bandeira, todo seu serralho e todo seu ouro, afundou terra dentro, ao acaso.

E dias levou sua caravana ondulando rumoradamente, na dolorosa successão dos escampados adurentes e serros asperos, desnudos uns, vestidos outros da flóra torturante dos chique-chiques.

Um tufo de folhagens seria um balsamo aos olhos encadeados daquelles caminheiros da cubiça e teria talvez o dom de diminuir um pouco a ancia daquelle tremendo varejadôr de recessos.

Não havia porém esperanças desse oasis almejado, por toda extensão daquelle terreno descaroavel — e quando a bandeira de novo alcançou, arquejante, outras grimpas, esmarridas pelas caniculas, duas mucambas tombaram exânimes, voltando para a sinistra figura do seu amo a supplica muda de um olhar.

Sebastião Pinheiro Raposo estacou.

Dentro das orbitas fundas pela fadiga, o seu olhar accendera, espe-

les districtos do Rio das Contas, havia mais de seis mezes que elle tinha partido e corria noticia delle ter chegado ao Piauhy, onde depois o mataram.» (1721) —

De um documento existente no Archivo Publico da Bahia se sabe que a morte desse temido solarengo de São Paulo se deu devido á trahição de certo Manuel de Almeida que conseguira se introduzir na comitiva.

Todo um drama de luxuria, de sangue e de rapina, em pleno sertão do Piauhy e que aqui apenas apontaremos.

Manuel de Almeida era casado com a formosa filha dum dos rendeiros da Torre de Garcia de Avilla. Fazel-a cortezã do poderôso bandeirante paulista foi cousa que não custou ao marido valdeiro.

E desse modo uma noite, tendo a

Depois, agarrou a segunda...

lhento, na surda revelação duma furia selvagem. Fez um gesto a um mameluco sombrio a seu lado — e o chicóte estalou nas costas das escravas, sem que ellas se movessem do chão onde o cansaço as prostrara...

Então o sultão do Rio das Contas avançou, medonho.

Num gesto brusco, arrancou o chifaróte e embebeu-o repetidas vezes no peito offegante da primeira mucama que se inteiriçou morta, sem um gemido.

Depois, agarrou a segunda, hebetada de pavôr e erguendo-a nos braços possantes, atirou-a penha abaixo onde ella rolou, despedaçando-se.

E intimando a bandeira estarrecida a que proseguisse, aquelle barbaro senhor do ouro e da luxuria, rosnou, apanhando o chifaróte que tombára junto a uma esteira de quipás:

— «Cadellas! Eu que as deixasse vivas e ellas iriam servir a outrem...» —

Passiva, a caravana obedecera, proseguindo a fieira morósamente sob a implacabilidade daquelle céu adurente.

— «E se não soube o rumo que tomára, concluía Miguel Pereira da Costa, por se metter no matto, por picada nova que abrira; mas, pouco depois, por alguns indios que o toparam e sertanejos que por esse matto encontrou, se soube que, reconcentrando-se por esses sertões, ía na volta do Maranhão; e quando cheguei áquel-

esposa como cumplice, Manuel de Almeida assassinou o potentado, apossando-se de todo seu ouro, todos seus escravos e todos demais bens da caravana...

Demandou após, como refugio, o Torre de Garcia de Avilla — mas mesmo ahi, viu-se enredado pelo bando temeroso que o levou ao patibulo: — «porquanto pela sua atrocidade, merece um exemplar castigo...» —

MÃE PRETA

SILVEIRA PEIXOTO

Aposento amplo de casarão de fazenda.

O lenço escarlate, sujo, cobrindo-lhe a carapinha grizalha. A roupa de algodãozinho ordinario. Um pito de barro, espetado no canudo de taquara. De cócoras, no chão, Mãe Preta scisma...

* * *

Dona Saudade exhibe-lhe, aos olhos reminiscentes, todo o filme doloroso de sua vida.

Um porão de navio negreiro. A vergasta malvada açoitando molambos de carne humana. Impiedosamente. Archotes crepitantes, pondo manchas vermelhas no ambiente sordido.

* * *

O banzo. A danza nostalgica. Sombras esqueleticas movendo-se numa sarabanda macabra. Ao som tetrico de tantans. O grito lancinante de um desgraçado. E a immensidade glauca do oceano. O marulho das vagas.

Mãe Preta scisma... Grita-lhe, na alma bronca, um sentimento de revolta. Tem estremeções na face.

* * *

Um choro de creança. Mãe Preta levanta-se. Transforma-se. Vê o semblante innocente daquelle menino loiro. Cascateia-lhe, do coração, uma ternura immensa. E, meigamente, em sua linguagem semi-africana, uma caricia na voz:

— Dróme, sinhozinho, dróme logo!...

* * *

Escorre-lhe uma lagrima pelo rosto cortado de cicatrizes. Recorda. Um pretinho vivaz. O seu filho. E um branco malvado o trocou por um punhado de ouro.

Nunca, nunca mais o viu...

O Supplemento das Moças

Com seu proximo numero, será lançado, pela *A Cigarra*, o *Supplemento das Moças*, que, como o proprio nome o está indicando, se destina exclusivamente ás suas leitoras.

Apresentando-o ao seu numeroso e tradicional publico feminino, *A Cigarra* visa offerecer-lhe maior espaço para a *Correspondencia dos Leitores* e proporcionar melhor acolhimento ás suas collaborações.

O *Supplemento das Moças* será distribuido gratuitamente, acompanhando cada numero d' *A Cigarra*, e conterá, além da *Correspondencia dos Leitores*, outras secções de captivante interesse para as moças.

No desejo de tornar *A Cigarra* uma das nossas mais notaveis publicações, fazendo d' *a revista de São Paulo*, o orgulho de nosso Estado, a nova direcção esforça-se para, dentro de curto prazo, completar os importantes melhoramentos promettidos no inicio da nova phase.

Nossa Sociedade

Senhora Suzana Whitaker Assumpção e seu filhinho José Maria.

CONCURSO EM

Um flagrante da assistencia

Alguns dos bellos saltos que a objectiva d' A Cigarra fixou durante as provas.

José Martins, no cavallo "Mistinguette"

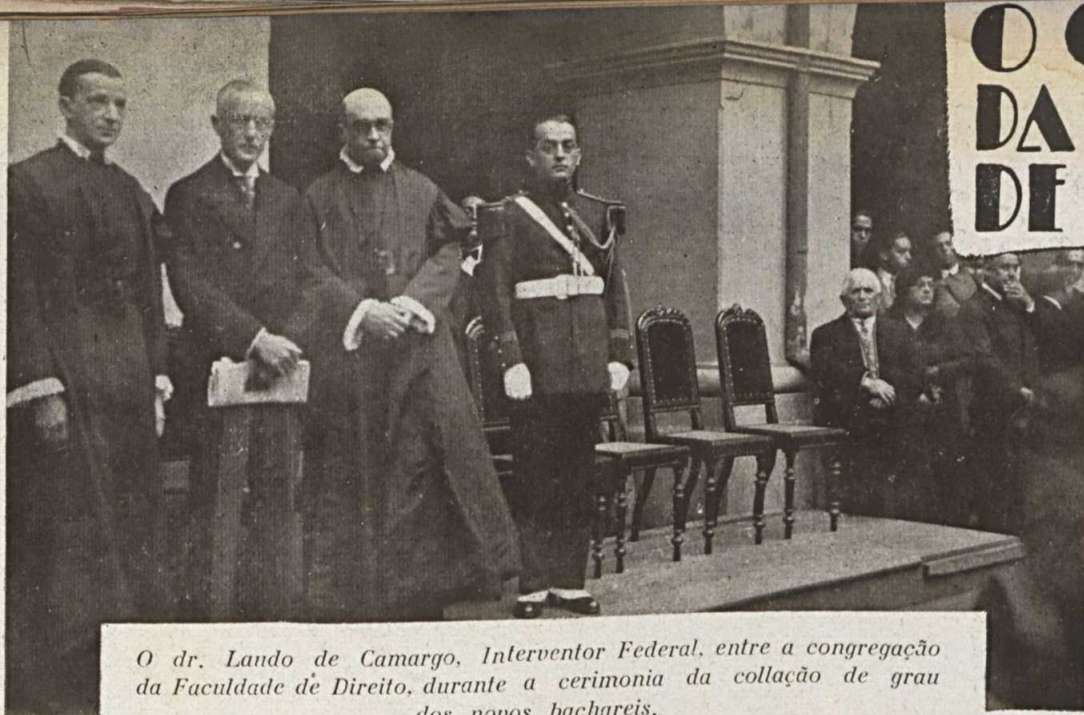
Ataliba Pompeu do Amaral, no cavallo "Max".

Francisco A. Coutinho Filho, no cavallo "Freddy".

Tenente Benedicto H. P. de Carvalho, no cavallo "Xeque".

Elias Alves de Lima, no cavallo "Baldur".

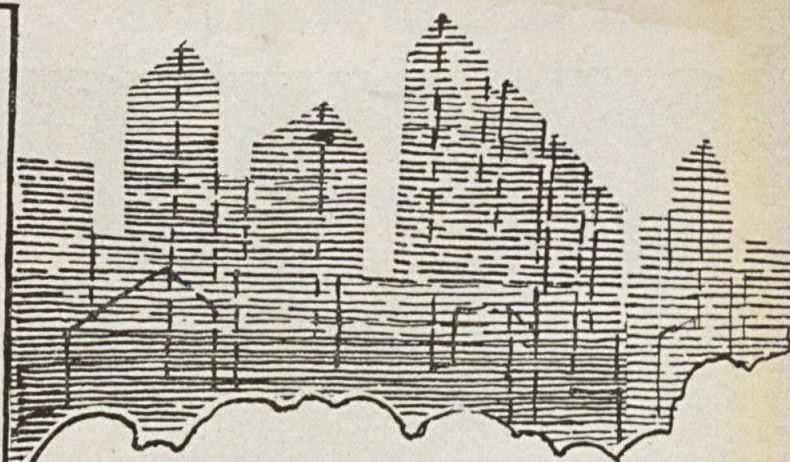
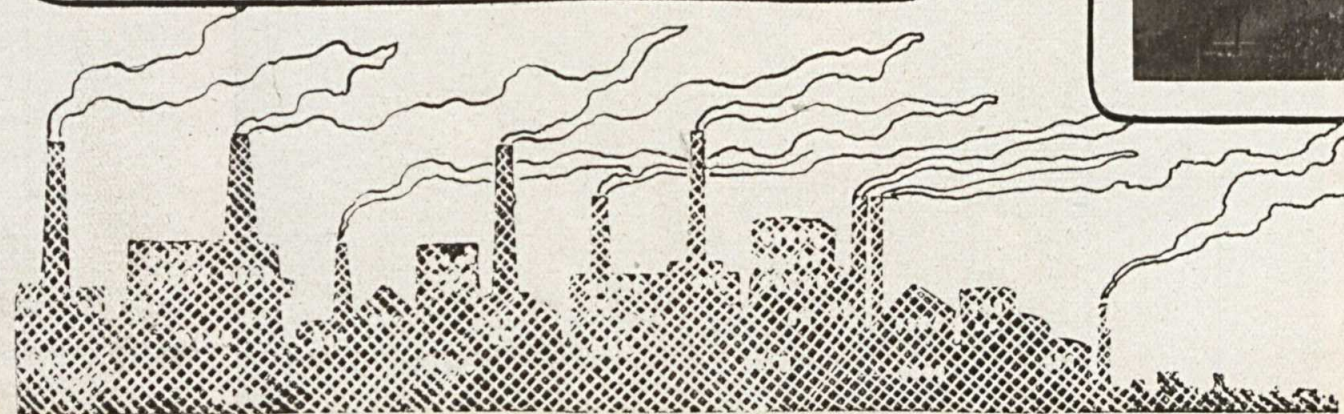
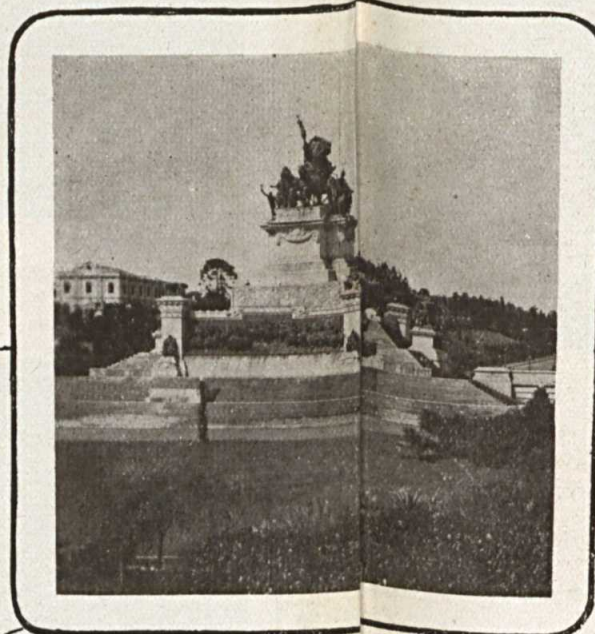
Tenente Annibal dos Santos, cavallo "Andaluz"

O CENTENARIO DA FACULDADE DE DIREITO

O dr. Lando de Camargo, Interventor Federal, entre a congregação da Faculdade de Direito, durante a cerimonia da collação de grau dos novos bachareis.

Aspectos da missa mandada rezar pelos novos bachareis, em acção de graças pela sua formatura.

Ha cem annos, a Faculdade de Direito de S. Paulo dava ao Brasil a primeira turma de bachareis. Futuros luminares da nossa jurisprudencia e da nossa cultura, sahiram então da nova Academia, com a alma cheia de sonhos, como os que se formaram este anno, como os que hão de sahir ainda e sempre do velho mosteiro franciscano.

O velho pateo interno do antigo convento foi este anno o recinto em que os novos bachareis mandaram rezar a missa em acção de graças pela sua formatura. Durante o dia todo de 7 de setembro, pelos corredores da Faculdade tradicional, desfilou tudo o que ha de mais representativo no nosso mundo official e na sociedade paulista, a levar aos moços, que agora iniciam a carreira, votos de felicidade e protestos de sympathia. Ás duas horas da tarde, no salão tres vezes centenario, realizou-se a cerimonia da collação de grau, assistida pela congregação da Faculdade, pelo Interventor Federal, Secretarios de Estado, alto mundo official, e por uma sociedade por todos os titulos brilhante.

São dessa festa as photographias que damos.

São Paulo
TERRA DO TRABALHO

[F]ESTAS E REUNIÕES

Uma bella noite de arte a que «A Cigarra» proporcionou á sociedade paulistana em 30 de agosto ultimo, por intermedio da Radio Educadora Paulista, com o 3.º sarau da série que organizou. Por essa occasião, os innumeros ouvintes daquella sociedade tiveram opportunidade de apreciar um bello programma elaborado pela «A Cigarra», com o concurso gentil e brilhante dos nossos melhores valores artisticos e literarios, representados pelas professoras Lelita Graziani, Emma Rocha de Brito, Cecilia Zwarg e Iracema de Almeida; pelo Maestro Manfredini e pelos srs. Dr. Paulo Mendes de Almeida e Correia Junior. O grupo acima estampado representa alguns desses nossos distinctos collaboradores.

Festival litero-musical promovido por senhoras de nossa sociedade, no salão Taçayndaba, em beneficio da Associação Santa Rita, officina São Miguel.

A sociedade de Rio Claro deu, ultimamente, um baile brilhante. «A Cigarra» apanhou este instantaneo da fina assistencia que a elle concorreu.

Cerimonia da entrega de diplomas ás senhoritas que concluiram o seu curso na Escola de Corte de Mme. Weldmann.

Jantar offerecido pelo Rotary Club aos seus associados, no salão do Club Commercial.

Cinema

Greta Garbo em "Inspiração"

Greta Garbo abandona o cinema?

Os directores da MGM estão em apuros. O contracto que têm com a Garbo está para terminar e Greta já insinuou desejo de abandonar o cinema para sempre e regressar á sua ' patria, onde comprará uma ilha florida para passar o resto de sua existencia, como se fora uma moderna walkyria.

Assegura-se, em Hollywood, que Greta Garbo está contrariada com a fama e popularidade de Marlene Dietrich, porém, os que conhecem a vida e os milagres da Cinelandia, sabem que entre uma e outra existe a mesma differença que entre o dia e a noite. Miss Garbo não necessitou mostrar as pernas... e algo mais para alcançar a gloria.

A Metro já propoz augmentar-lhe o salario de 10.000 dollars semanaes, que tem actualmente, para 15.000. Entretanto, Greta respondeu, a essa proposta, affirmando estar satisfeita com o que ganhava, já possuindo mais dinheiro do que necessita.

E veja-se que Miss Garbo tem apenas 27 annos!...

Que dirão, a isto, Norma Talmadge, Mary Pickford, Gloria Swanson, Pola Negri, Mae Murray e outras, que, apezar de já terem dobrado o cabo dos quarenta, ainda pretendem competir com Lupe Velez, Joan Crawford, Annita Page, etc.?...

MODELOS D'A CIGARRA

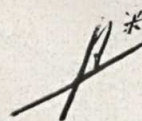
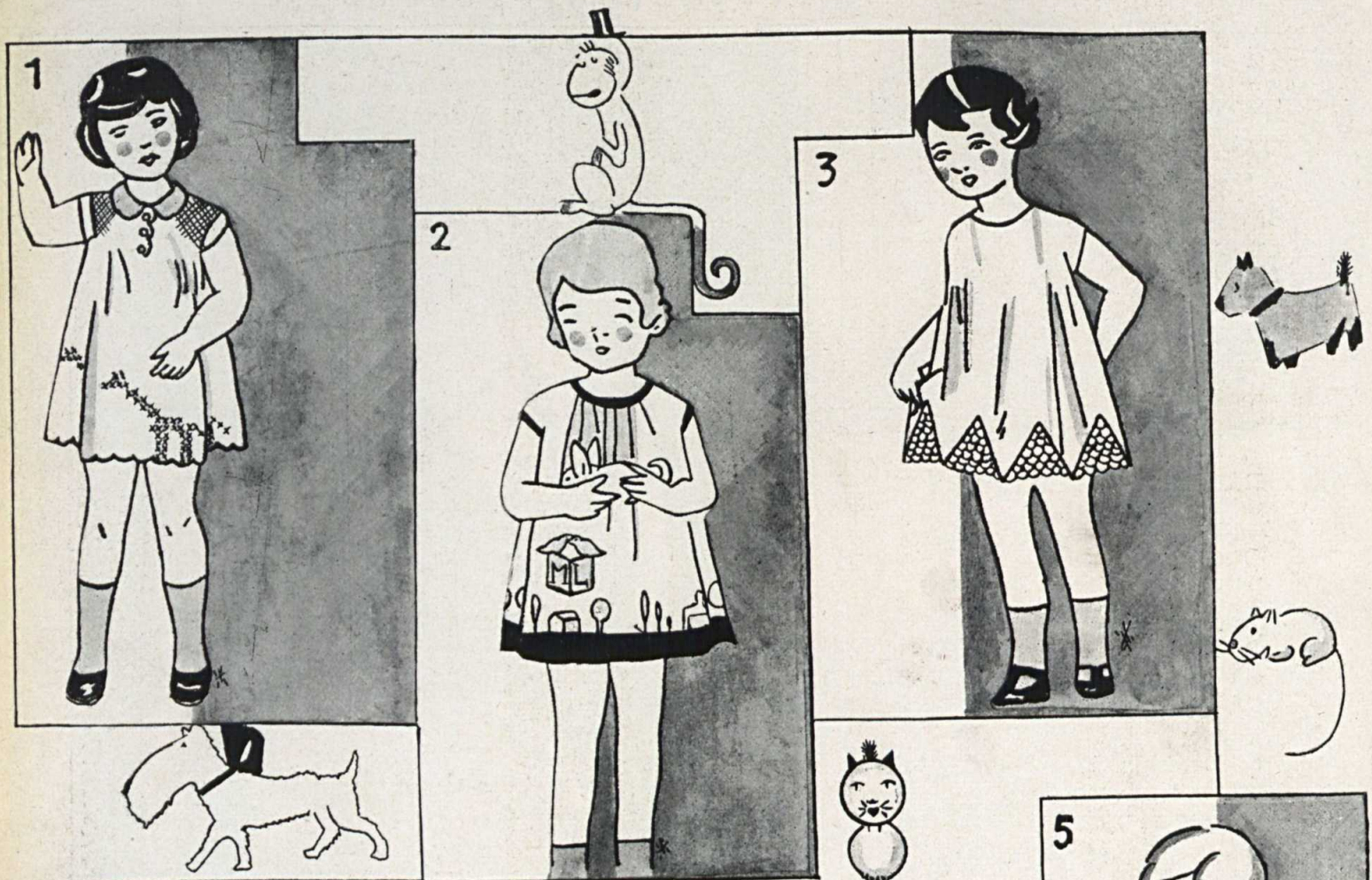
DESENHOS DE (poncy)

1

2

3

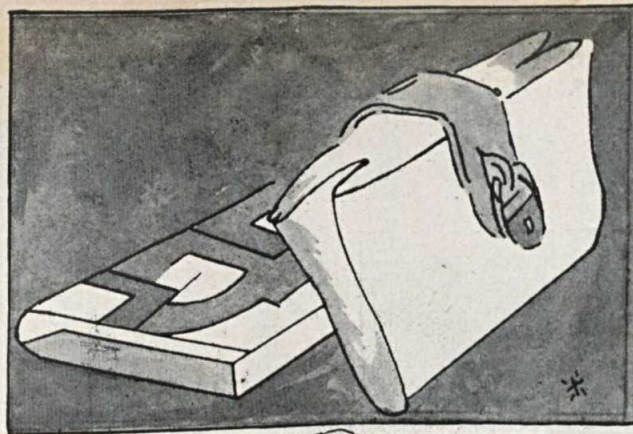
4

5

1 — "Linon" branco bordado em vermelho, com ponto em cruz.

2 — Modelo "Maria Lucia", em brim, com applicações em côres.

3 — Seda rosa, com festões em fio "perlé" da mesma côr.

4 — Camisa em seda "beige" com gola "plissé", e calças de panno branco.

5 — Brim branco; cinto e applicações em brim azul.

Dois modelos modernos de bolsas para verão. Uma em palha branca, vermelha e preta. A segunda em antilope marron, com fecho de metal branco.

Casaco escossez, côres "beige", marron e branco. Saia e gola "beige".

Casaco para esporte, de talhe masculino, executado em "velours" de lã brancc.

Casaco em "dentelles", para "soirée". Tons delicados, "bois de rose" "beige", branco etc.

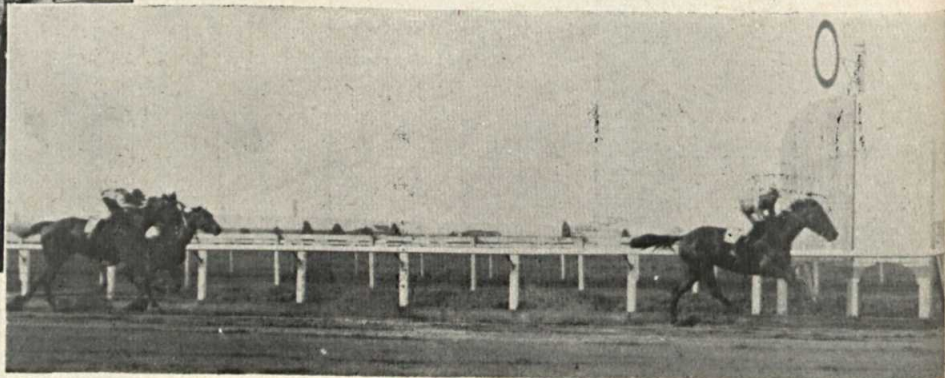
Para a tarde. Modelo em "kasha" verdejade com adorno de pelle preta.

Chapéo em feltro cinzento com pluma de avestruz.

A TARDE DE DOMINGO NO JOCKEY CLUB

O grandioso hippodromo da Mooca, vendo-se a selecta assistencia que concorreu á ultima reunião do Jockey Club.

O cavallo "Xyleno", propriedade do dr. Linneu de Paula Machado, vencedor do grande premio "Ipiranga".

As inscripções para o Grande Premio

A chegada de "Xyleno", montado pelo jockey J. Salfate

Instantaneos d' A Cigarra na bella tarde esportiva

Cartas da Roça

DULCE AMARA

Salve!

Diz você, Rogerio, que eu me torno uma indifferente. Jamais. Em possuindo um lapis e uma folha de papel eu serei sempre, para você, uma alma translucida, transbordante de sonho, que esbanja idealismos inuteis dentro do seu proprio coração. Vamos! Deixemos dessas conjecturas mentirosas. Sabe você que tenho annotado alguma cousa das crendices e superstições desta gente tão nossa?

Ouça meu amigo. Quando me embrenho no matto para comer joás ou para colher as florinhas engraçadas do «batuque», levo a mão direita ás costas, colho um ramo qualquer, e, sem olhar para traz, prendo-o á cintura.

Isso livra-me de todos os perigos. E se encontrar no meu caminho uma cobra, mesmo na iminencia do perigo, devo fazer um nó na barra da saia. O reptil não se moverá e poderão matal-o sem receio. Não é curioso? No dia de S. João eu e a Glorinha enfeitamos o mastro do terreiro com ramos carregados de laranjas maduras e espigas louras. Teremos, pois, para o anno, uma colheita farta.

Mesmo nas noites mais tempestuosas, gelidas ou cheias de preoccupações para o sertanejo, tudo póde faltar na sua casa de taipa, tudo menos agua no póte. Sem ella o caipira não dormirá tranquillo porque crê firmemente que durante o somno o seu espirito tem sede.

Ha qualquer cousa de profundo e intelligente nesta crendice, verdade? Hontem, voltando do sitio de Nhá Nita, ao passar por uma velha cancella, apenas por espirito de brincadeira, abri-a o mais que pude para, assim, ao largar a mão, ouvil-a gemer batendo com força contra a cerca. A' porta da casa azul, cercada de caneleiras, surgiu a figura arcada da boa madrinha. «Devagar, Eleonora, devagar! Ao passar por uma cancella, feche-a sempre com respeito. E' ahi que as almas penadas fazem penitencia».

Oh! Rogerio! Eu sou uma menina muito mal educada...

Emfim, esta é a segunda reprimenda que mereço de Nhá Nita.

Quarta-feira, conversavamos na sala grande sobre historias do outro mundo e magias de curandeiros que benzem agua e trocam bentinhos milagrosos.

Eu caçoava de tudo para ouvir as censuras carinhosas da madrinha. Nisto, a ventania faz sacudir a porta nos gonzos, dando a impressão de uma pessoa que bate.

Levantei-me, fiz uma mesura á porta cerrada e disse sorrindo: «Não se detenha, forasteiro. Póde entrar» Maria da Gloria abriu a porta. Não era ninguem.

— Ah! Sra. Dna. Leonora! Quando você ouvir bater, não diga: «Entre», porque, se não foi ninguem a desgraça entrará por alli.

— Ora, ora, Madrinha carochinha! Vossemecê não vio que foi o vento que entrou?

Ahi está Rogerio. Aqui fico esperando o seu commentario.

Eleonora

Iris

Ás vezes, desejar muito é um crime. E o castigo ha quem o conheça e leve no seu eu, calado, o remorso daquillo que nem se realizou.

* * *

A ironica poesia da distancia... O sabor artistico da saudade de alguem que está longe, e a maravilha dos pensamentos que vencem distancias. Distancia... Esperae muito tempo — e depois haveis de maldizel-a para sempre.

* * *

Ha seres tão raros que pretenderam fazer de nós deuses distantes, e que assim nos desejaram e nos veneraram sempre. E não quizeram o desencanto.

Podeis imaginar um odio todo especial áquelles que não nos permittiram que descessemos do nosso pedestal para nos tornarmos humanos?

* * *

O homem solitario é o homem perfeito, de alma forte — aquelle que foi feito á imagem e semelhança de Deus. Mas é tão difficil ser um deus!... E tão facil ser humano e menos que homem.

* * *

Seis horas. O crepusculo cedia á noite... mas havia um clarão rubro no poente, a athmosphera afogueava, as ruas regorgitavam, sinos bimbalhavam; havia no ambiente um estrugido surdo, abafado. Aquillo era vida, intensa, culminante. E por alguns momentos, como que libertados dum jugo secular, os olhos da minha alma viram, deslumbrados e attonitos, uma «nova» expressão na vida, na natureza, uma sensação ampla, inédita, de ha muito esquecida. Oh! Fugidia visão, vertiginosa percepção deslumbradora, luminoso milagre de amor!

* * *

Beijos fugitivos de felicidade, poemas, sonhos, suppliciando a vida — a vida: um ironico deserto onde ha beijos fugazes de felicidade, e um olhar que procura attingir uma estrella, que a vê e não a possue. Beijos que o tempo...

Cicatrizes.

VALERIANO FLORES

O FILM QUE ELLE NÃO VIU

— Olha Roberto! Repara como se parece commigo! Dir-se-ia que sou eu aos vinte e cinco annos.

A imagem sorridente da estrella cinematographica apparecia no écran, ao fundo da sala escura e buliçosa.

Terminara a primeira parte do film sentimental á antiga moda americana.

E a senhora Forziati, nesse instante, percebeu que os labios de seu marido se entreabriram num sorriso ironico.

— Felizmente — respondeu elle — já não tens hoje vinte e cinco annos... Do contrario, como tantas outras, talvez pretendesses ser artista de cinema...

— E por que não?

— Porque a verdadeira funcção da mulher é permanecer em casa, entregue aos afazeres domesticos.

— E foi por isso que me impediste de cantar em outros tempos... Era tão bôa a minha vóz...

— Não me casaria comtigo para que fosses receber, entre os bastidores, as frases mais ou menos provocadoras de admiradores desejosos...

— Mas deves convir que podemos ser artistas, ouvirmos elogios, sem nos esquecermos da dignidade e sem nos arredarmos do caminho recto.

— Além de tudo, a tua voz era insufficiente para o theatro. Fracassarias na certa.

— Parece-te isso?

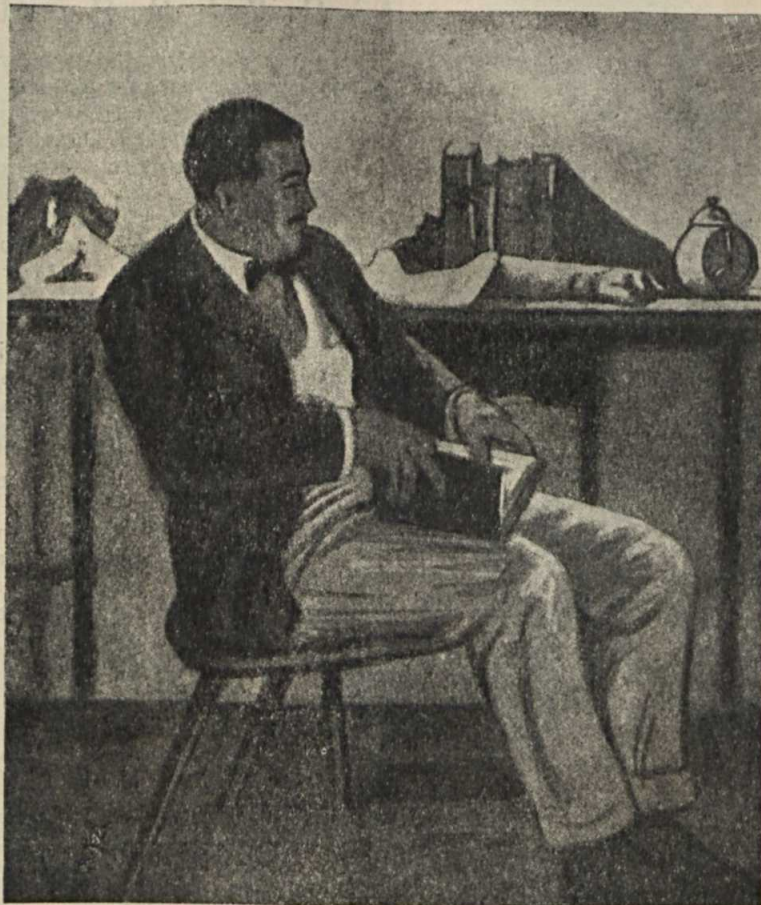
Elle, encolhendo os hombros largos, nada respondeu.

Depois de um silencio em que cada um, certamente, pensava na mesma cousa, mas de maneira diversa, ella voltou a perguntar:

— E quando aquelle pintor se propoz pintar o meu retrato, por que te oppuzeste? O preço era razoavel e o pintor, hoje, já se tornou celebre...

— O contacto desse artista, deslumbrando-te, faria com que perdesses a cabeça. Elle já começava a repetir que eras bonita. Comparava-te já não sei com que modelos do Louvre. E é dessa maneira que se faz com que as mulheres commettam toda a sorte de loucuras. As menos experientes terminam por acreditar que chegou o momento de collocar a vaidade acima do dever...

— Mas esse momento não chegou... — observou ella, docemente.

Apagára-se a luz. O aparelho sonoro começou a funccionar por traz do rectangulo luminoso onde se agitavam as personagens do film sentimental, á antiga moda americana.

A senhora Forziati proseguia em sua idéa, na penumbra: uma idéa ainda imprecisa, nascida daquelle dialogo evocativo.

Algo como uma suspeita, que todas as observações e coincidencias tornam quasi que certeza, accendeu-se dentro do seu espirito. E a sua vóz, em meio da obscuridade, tornou a perguntar:

Acaso, pelas mesmas razões, não permittiste que eu continuasse a frequentar a casa da minha amiga Isabel? Não achas que ella poderia ter sido, para mim, má conselheira?... Não achas?

— Sim. Eu não te expliquei naquella epoca, para não te contrariar; sei que te obstinarias em romper taes relações. Ella, porém, não era uma amizade conveniente.

— Preferiste que eu mesma me enjoasse della...

A senhora Forziati ouviu-o rir e responder:

— A's vezes precisamos usar de diplomacia, não te parece? Agora, deixame apreciar o film...

Ella, ao lado do marido, seguiu outro film, bem differente. Um film que se desenrolava dentro de si mesma. Um film que ninguem poderia vêr: o film de sua propria vida.

Uma meninota de cabellos lisos comia bombas recheadas de creme numa confeitaria. Gostava immensamente de bombas de creme, mas quasi sempre lhe diziam: «Só tens direito a duas».

E a terceira, aquella que mais gulosamente desejava, a que mais prazer lhe poderia ter causado, nunca lhe permittiram comer.

Depois, uma mocinha de olhos tristes, enclinada, á noite, após á ceia, sobre os seus trabalhos de agulha.

Que felicidade ella teria então alcançado, si a levassem ao theatro!

Mas sua mãe sempre lhe explicava: «Irás ao theatro quando te casares. Se experimentasses, agora, a sensação de um espectaculo, mais tarde não virias a encontrar, em tal divertimento, o minimo prazer.

A lição de canto no largo e luminoso salão de Magdalena Granger, a celebre cantora da Opera, e as horas angustiosas, cheias de paixão ao estudo, cheias da ansia que domina a todos os artistas verdadeiros.

Tempos depois, a primeira audição em casa, entre pessôas amigas, ante um publico admirado que saboreava silenciosamente o seu enlevo, expressando-o,

Por René Le Coevr

no fim, com palmas, palavras elogiosas e enthusiasticos dithyrambos.

Em seguida as longas discussões em torno da mesa familiar: «Não. Nossa filha jamais subirá ao tablado de um palco! Imaginas, por ventura, que somente por teres recebido applausos em salões, irás fazer sombra a uma Barrientos, a uma Nelly Melba?

Tens o teu dote e não é cantando que irás encontrar o noivo que te convem».

Um noivo! Nunca, na opinião de sua familia, eram sufficientemente ricos. E, áquelles que promettiam um bello futuro, impunham periodos de prova, condições desalentadoras, exigencias tamanhas que os desanimavam.

E ella relembra os rapazes que poderia ter amado e aquelles que, occultamente, por vezes, chegara mesmo a amar... Eram felizes agora, haviam triumphado na vida, com outra mulher...

Appareceu, então, o snr. Forziati... Gordo, gigantesco, riquissimo... Evocava as suas ultimas tentativas de resistencia. «Casarás com elle. O romantismo morreu com o seculo passado. Forziati tem uma fortuna consideravel e o matrimonio é cousa muito séria».

Sim! Seria prodiga em affectos! Com isso ella esperava, ao menos, conquistar uma relativa liberdade, fazer-se comprehender por seu esposo á força de gentilezas, de docilidade, de confidencias...

Só nesse momento via, nitidamente, no écran do seu espirito, por onde desfilavam tantas recordações, o trabalho lento, habil e perseverante, levado a cabo por seu marido, que proseguia por outras razões a obra iniciada por seus paes, pelos de sua familia.

Da mesma forma elle não permittia que ella cantasse, que se exhibisse em publico, que se evidenciasse. Não lhe concedia a minima liberdade, nem tão pouco alimentava nella a minima esperança.

— Tua amiga Isabel? Julgo-a demasiadamente rica para manter relações comnosco. Não me agradam os seus gestos protectoraes. É demasiadamente perdularia. Sua casa é frequentada constantemente por senhoras de mau comportamento. Eu sei o que digo!

E em outra occasião:

— Teu retrato? Ora! Esse pintor é de uma mediocridade fundamental. Seus quadros parecem chromos. Péde-me outra cousa qualquer. Não estou disposto a pendurar em nossa casa um aleijão.

Ou ainda:

— Que estás a ler? Si te vêm com esse livro, crearás, em torno de ti, uma pessima reputação. Todas as tuas amigas já o leram? Isso prova que ellas não são totalmente serias. Além de tudo, o enredo dessa novella é absurdo. Fia-te em mim para escolheres os teus livros.

Dizia-lhe tambem, por vezes:

— Não te vistas dessa maneira. Has de convir que não te fica bem. Esse vestido não condiz com o teu porte, mesmo porque, como já deves ter reparado, os tons claros não te assentam bem. Faze, no entanto, o que entenderes. Aviso-te, porém, em teu proprio beneficio. Crê no que te digo.

Ella acreditára-o docilmente durante longos annos, até o dia em que surgiu em sua fronte o primeiro cabello branco, que foi notado por elle com uma especie de maligna satisfação.

Desde esse momento, fizéra notar á sua companheira, perversamente, todos os indicios da velhice, todas as taras physicas que a idade traz comsigo na ultima etapa da nossa existencia.

Outra mulher, certamente, ter-se-ia revoltado contra aquella tyramnia feita de maldosas insinuações. Ella, porém, desde ha muito, estava habituada a obedecer á sua familia, a confiar nas opiniões de seu marido, acatando-lhe as decisões. Tarde, demasiado tarde se apercebera disso.

Assim — pensava a infeliz — toda sua vida transcorrera, monotona, entre preceitos rigidos, como a vida de uma odalisca na clausura de um harem. Toda a sua vida! Não tivera alegrias, ansiedades, esperanças. Não tivera nada. Só uma successão de annos semelhantes. E, daquelle passado, nem siquer lhe restava uma flôr secca entre as paginas de um livro, a lembrança de um secreto amor, de uma emoção deliciosa e fugidia. Deus do céo! Porque só agora percebia tudo isso?!

O film havia terminado. A sala se illuminara e as portas lateraes se abriam para a sahida dos espectadores.

Elle olhou-a num gesto de admiração:

— Que tens? Choras! Não sei por que choras. Francamente, este film me parece idiota... Além de tudo, já terminou...

Ella enxugou furtivamente as lagrimas, passou a esponja de pó pelo rosto, e, com uma entoação cujo sentido elle não poderia comprehender:

— Sim, tens razão — respondeu — agora tudo terminou!...

O que disse, á Cigarra, d. Luiza Roberti Soares, secretaria da "Alliança Civica das Brasileiras"

— Primeiro que tudo, não me va tomar como uma suffragista enragé. *Seria um paradoxo; creia-me antes modernista. Digo-lhe assim porque a maior parte das creaturas que ainda não quizeram comprehender a nobre missão do feminismo no mundo actual, julgam ridicularisar as suas partidarias taxando-as de mulheres masculinisadas, pintando-as com physionomias de carranca, vestidas de jaquetão grosso, collarinho duro e gravata, chapéo* demodé, *passos largos e oculos grotescos na ponta do nariz...*

Pensam muito erradamente taes creaturas, pois o feminismo não exclue absolutamente, a graça e a belleza na mulher; muito ao contrario, as cultiva; não só cuida da belleza physica — que é a saude e a plastica, como tambem zela pela sua belleza moral — que é a bondade e a alegria. Eu mesma, que tenho predilecção especial pelos lindos modelos de Paquin *e* Lelong, *que me perfumo de* Worth *e* Chanel, *que sou doidinha por um* fox *bem* Broadway, *que pratico todos os dias a minha hora de esporte favorito, sou, no emtanto, fervorosa paladina do grande ideal da reivindicação dos direitos da mulher, da sua emancipação de absurdos preconceitos, que a têm collocado sempre numa esphera inferior.*

E' chegado o momento de trabalharmos pela igualdade social da mulher, sem revoluções e meetings, *apenas educando-a para ser a util e sincera cooperadora do homem no lar e na vida real; e, acima de tudo para ser a vigilante educadora da alma e do caracter de seus filhos, os futuros homens; sendo a mulher que educa o homem, esse, sómente pode ser forte e bom, se recebe, em sua infancia, os ensinamentos intellectuaes e moraes de u'a mãe perfeitamente educada, nos principios de uma perfeita hygiene e uma perfeita moral. E' na alphabetisação da mulher que consiste o primeiro passo do feminismo.*

O Universo inteiro soffre um momento de extraordinaria alteração social e a mulher não pode mais ser o inutil biscuit *de luxo, simples objecto de idolatria como na éra remota do* bezerro *de* ouro. *E' preciso que ella tambem venha para a vida, bella, sã, activa e intelligente, collaborar com o seu companheiro na manutenção de seu lar e na educação de seus filhos.*

Oração Silenciosa

Sou tão feio, Senhor, e meu filho é tão lindo,
que elle o deve notar, ás vezes, me sorrindo...

Fita-me assim, Alberto, e o olhar perscrutador
dirá que vivo em ti, como o aroma na flor.

Reflori em teu ser, que o meu sangue revela,
para viver em ti uma vida mais bella.

A ansia crepuscular deste sonho possues,
nas clareiras de céo dos teus olhos azues...

O sol te accenará dos longes horizontes,
e eu hei de despontar onde quer que despontes.

E, comtigo, serei tudo que sonhei ser,
redivivo e immortal no esplendor do teu ser!

Flor do meu coração, ó meu lirio entre espinhos,
a vida é tão incerta e ha tantos maus caminhos...

Mas, ao olhar-te, medito: «Onde a Fé? onde o Amor?»
E murmuro, depois, sem que o possas suppor:
«Guia o meu filho, que é tão lindo, ó meu Senhor!»

DA COSTA E SILVA

A Nova Ortografia *(Continuação da pagina 16)*

«Memórias de um Revolucionário», mostra-se seriamente implicado com esses acentos. «Você é um revolucionário nato, diz-me êle e prosegue: — Antes de o ser político o foi ortográfico — revolução aliás com que nunca simpatizei. Não posso compreender a razão dos acentos. E' coisa que berra contra todo o progresso moderno de fixação dos sons articulados por meio de sinais gráficos. E agora que cada vez mais se expande a escrita a máquina, o acento chega a tornar-se um trambôlho inútil dos que dão prejuízo em dinheiro a um país. Se fosse possível, o cálculo assombraria a conta de quanto os povos de língua inglesa ganharam em tempo — e pois em dinheiro — com a supressão integral do acento. Não existe uma só palavra inglesa que se grafe com essas escrescências inúteis, e a língua deles é a mais rica e dútil (sic) de quantas se desenvolveram no mundo. *Memórias* escreve você. Perde tempo, erguendo a mão do papel para meter a cunha no *o*. Sem cunha haveria meios de se pronunciar doutra maneira essa palavra?»

Respondo ao famoso escritor.

Monteiro Lobato, um tanto utilitarizado pela comprida residência nos Estados Unidos, articula motivos aparentemente sérios contra os acentos. Mas péca. Porque vê o assunto dum ponto de vista errado. Quer comparar o que se passa entre os ingleses e americanos com o que se passa no meio luzo-brasileiro.

Os povos que falam o inglês chegaram a um tão grande desenvolvimento — não evidentemente pelas virtudes do idioma — que não precisam de facilitar a sua língua. Apresente ela as maiores dificuldades, o mundo tem necessidade de se avizinhar deles e vence o seu meio de expressão.

Conosco, a coisa muda de figura. Urge que nos espraiemos. Precisamos do mundo. E temos necessidade de lhe facilitar a nossa linguagem. E os acentos achanam a pronunciação, tornando-a totalmente accessível. A coisa mais embaraçosa do português é a distinção entre uma palavra grave e outra exdrúxula. Os próprios cultos chegam a sentir essa dificuldade. Já não direi o escolar, já não direi o estrangeiro. Monteiro Lobato pergunta-me se *memória*, com acento agudo no *o* podia ser pronunciada diferente. Podia, respondo. Podia-se pronunciar *memoría*, ou seja com a tónica no *i*.

Os acentos que a ortografia de Portugal recomenda — o agudo, o circunflexo, o grave e o trema, — não constituem uma invenção sem motivos. Obedecem êles a fundamentos scientíficos. Já Policarpo Petrocchi e outros filólogos de linguas irmãs o proclamam úteis à pureza de qualquer idioma. Usados conforme ás regras luzas, desaparecerão as silabadas e se corrigirão todas as pronunciações defeituosas.

Aliás, a principal preocupação do sistema português foi grafar de maneira que jamais se erre. Assim, nem sempre êle simplifica, tomada esta expressão no sentido material. Comumente, ao envés de suprimir, manda dobrar a letra. E' o que se dá, por exêmplo, nas palavras — *ressaca*, *ressurgir*, *pressupor*, *verossímel* e semelhantes, geralmente mal pronunciadas, por causa do *s* entre vogaes da ortografia proscrita. Assim igualmente na palavra *prorrogação*, etc., dobrando-se o *r*.

Indiscutivelmente, o que a língua ganha em pureza e em simplificação de outra ordem vale muito mais do que o tempinho chorado por Monteiro Lobato. O instante que se perde em erguer a mão para deitar uma cunha no *o*, ou repetir um *s*, garante a pronunciação exacta de, por exêmplo, *memória* e *ressaca*. Assim no mais.

Adopte-se a nova ortografia e não se despreze os acentos. Custa tão pouco aprender o seu uso.

Dr. Allegretti Filho

De regresso a São Paulo, este distincto e competente facultativo acaba de montar o seu novo consultorio medico no predio da rua Benjamin Constant, 1, 4.o andar.

As novas installações estão feitas com todo o carinho, tendo sido observados os mais modernos aperfeiçoamentos scientificos, o que ainda mais recommenda os serviços do joven e conceituado medico que é o dr. Allegretti Filho.

Bibliophilia

A visita de Paul Morand

Esteve em S. Paulo o escriptor francez Paul Morand, um dos mais conhecidos literatos da Europa moderna. Desde quinze ou vinte dias no Rio de Janeiro, passou apenas alguns minutos entre nós, sob o torrencial aguaceiro que festejou o dia 7 de Setembro. Mesmo assim, pôde ver o serpentario do Butantan, e, em Santos, a queima de cafés ordenado pelo govèrno.

Recebido na estação do Norte por diversos admiradores de S. Paulo, aos quaes vinha recommendado, dirigiu-se Paul Morand, logo após, ao Instituto de Vital Brasil, afim de contemplar o famoso «Parc aux Serpents», que, de ha muito, o vinha interessando. A seguir, almoçou no Automovel Clube em companhia dos srs. René Thiollier, Sergio Milliet, Fernando Galvão e Rodrigo Soares Filho, e, immediatamente depois, dirigiu-se, pela estrada de rodagem, a Santos, onde foi recebido pelo dr. Paulo Caio da Silva Prado.

Teve, então, opportunidade de satisfazer um dos seus maiores desejos: ver queimar «une montagne de café», que era uma das principaes razões da sua vinda á America do Sul.

Quem vive em S. Paulo não pode imaginar a sensação produzida em todo o mundo pela queima do nosso principal producto. Ainda ha pouco, o tyramno da Russia, Stalin, profligou a incapacidade burgueza aproveitando-se da destruição presidida pelo Conselho do Café. Hontem, chegavam telegramas indignados, da Inglaterra, contra a eliminação de velhos stoks. Hoje, chegam noticias do mesmo genero, da França. Entretanto, os que assim se manifestam, esquecem que os Estados Unidos aconselham ao productor de algodão a abandonar dois terços da colheita; que a França já despejou vinho pelo solo, e que a Inglaterra encabeçou o plano Stevenson.

Paul Morand

Paul Morand não faz excepção á regra. Não commentou desfavoravelmente a queima aos que o acompanhavam — antigo diplomata, é incapaz de melindrar, por qualquer maneira, os hospedes — porém, pelo modo como photographou o immenso brazeiro da Allemoa, bem demonstrou o que resentia do espectaculo.

De volta ao centro de Santos, a despeito do mau tempo, passeou pelas praias de José Menino e S. Vicente esperando a hora do jantar, no hotel Atlantico, onde ficou até o dia oito, em que, pela manhã, partiu pelo Conte Rosso com destino ao Uruguay.

Paul Morand ainda pisará em terra brasileira mesmo depois de estar no Prata. E' projecto seu subir de Buenos Aires até a cachoeira do Iguassú, atravessar o Paraná e conhecer as florestas virgens da margem direita. Depois continuará viagem pela America do Sul, pelo Chile, Perú, Colombia, Antilhas, e, dahi, Europa, via Londres, por uma linha de vapores inglesa.

Os dados sobre a resistencia sul-americana á crise economica mundial, que Paul Morand veio buscar, servirão para um relatorio, em que, sob forma literaria, o illustre homem de letras mostrará a seus leitores as possibilidade da America do Sul. O autor de «New York» promettte, pois, mais uma sumptuosa narrativa, em que a fantasia do estilo se casa com penetrante observação, que se ajuntará a «Paris Tombouctou», «L'Hiver Caraibe», «Le Voyage», e outros livros que o tornam digno continuador de François René de Chateaubriand. — *XXX*

Vida Dos Campos

(Collaboração do Departamento de Publicidade da SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA)

A Escola Rural, Factor Preponderante no Progresso Agricola

Existem numerosos factores a favor do ensino pratico manual agricola, nas escolas ruraes, tendo por objectivo permittir á maior parte dos filhos de lavradores, que não têm possibilidades de frequentar escolas especialisadas no ramo, consolidar e ampliar os conhecimentos que adquirem na vida campestre. Recorre-se, para isto, ao ensino de praticas ruraes que, com o correr dos annos, terão grande influencia no melhoramento dos methodos de cultivo, como tambem das industrias ruraes.

Ás escolas ruraes é aconselhado esforçarem-se, por seus directores e professores, para imprimirem um cunho pratico ás noções de agricultura e criações que, mesmo superficialmente, devem ser tratadas nesses estabelecimentos ruraes de ensino.

O exodo que commumente se nota das populações ruraes, para as cidades, em detrimento do progresso e do desenvolvimento das explorações agro-pecuarias e correlatos, é proveniente, muitas vezes, ou da falta completa de instrucção, mesmo muito rudimentar, ou da falta de habilitação do operario agricola que, não conseguindo que a terra, que amanha com ardor extremo, produza tudo quanto espera e deseja, abandona a agricultura para dedicar-se, nas cidades, a misteres mais commodos e para os quaes não necessita de grande habilitação.

Tanto o analphabeto como aquelle que, dedicando-se á agricultura, o faz confiado em que «plantando dá», não chegarão nunca a um resultado satisfactorio, nem para si, nem para os seus patrões.

O papel das escolas ruraes, que se dedicam ao ensinamento das primeiras letras ás crianças, é tambem o de guial-as nos primeiros passos em agricultura, ensinando-lhes, a par de leituras, escriptos e contas, como se procede praticamente nas culturas e criações, para que, amanhã, quando passem á vida real, tenham conhecimentos sufficientes, ou pelo menos base para desenvolvel-os, e possam sahir vencedores na lucta pela vida.

A Sociedade Rural Brasileira, actualmente, está empenhada em promover, pelas medidas ao seu alcance, a pratica da polycultura em todo o territorio nacional, incentivando a plantação de cereaes, algodão, etc., e criações de bois, porcos, aves, sericicultura, apicultura e, emfim, tudo quanto economicamente possa ser produzido numa fazenda moderna.

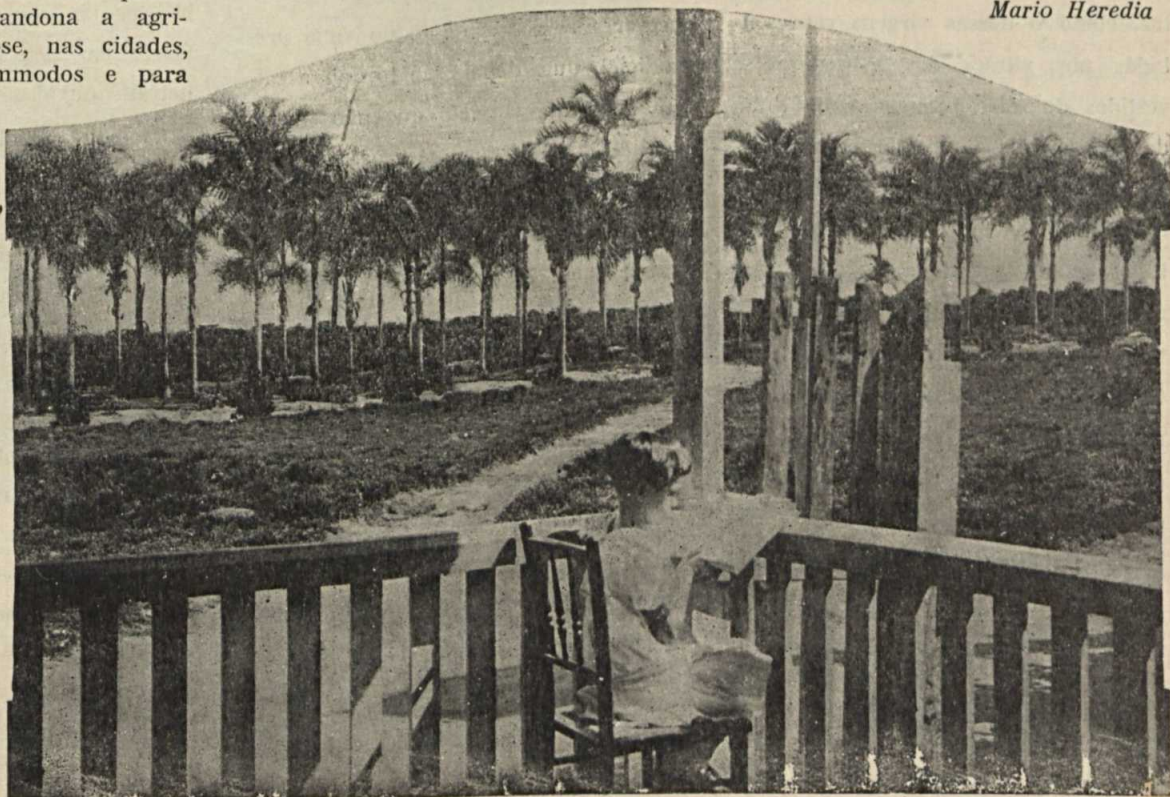
Esta medida, que a Sociedade Rural Brasileira se propoz, ha tempo, defender e cuja campanha agora reinicia com mais vigor, encerra fins altamente patrioticos e economicos, quaes os que derivam de se produzir no paiz, dentro de todas as possibilidades — aliás grandes, — tudo ou quasi tudo o que importamos, para que o ouro, que por esse meio emigra dos nossos cofres, se movimente dentro de nossas proprias fronteiras, consolidando a nossa riqueza.

Ás escolas ruraes, que hoje preparam as nossas futuras gerações, cumpre instruir convenientemente os futuros trabalhadores dos campos, para que, trabalhando intelligentemente, possam usufruir, dos seus esforços e da riqueza da terra patria, proveitos compensadores.

Aqui fica, pois, o appello que lançamos aos professores de todo o paiz, para que, recorrendo á boa vontade dos agricultores que vêm nesta medida o seu real e grande valor, os queiram auxiliar, promovam pequenas aulas praticas de culturas e criações.

Isto, quando outro valor não tivesse, serviria para despertar e aproveitar a inclinação de muitos moços pela nobre profissão de agricultor.

Mario Heredia

O futuro fazendeiro começa desde cedo a interessar-se pelas cousas dos campos. Á escola rural cabe auxiliar os meninos nessa questão, proporcionando-lhes ensinamentos praticos de agricultura e criações.

Chronica doente

Faz tempo. Eu tinha treze annos. Colleccionava uma porção de poses do Wallace Reid, com a mesma inesgotavel paciencia dos outros meninos que ajuntavam carteiras de cigarros e bolinhas de vidro. Ia, quasi todas as noites, á primeira sessão do velho Palacio Theatro, que occupava o mesmo logar do actual e elegantissimo Paramount. As corridas de automoveis e as invejaveis conquistas do famoso artista, collavam-se em meu espirito como um quadro surprehendente no filme virgem de u'a machina photographica. Nessa época em que eu andava planejando aventuras quixotescas, conheci Azely.

Era uma menina — lembro-me bem — anemica, de olheiras fundas, sem aquellas attitudes «americain-girls», que faziam os meus olhos lamberem, gulósos, o rectangulo da projecção. Mas o seu corpo era «um conjunto maravilhoso de ossos e de luz, como o dessas virgens representadas nos vitraes das cathedraes e vestidas de sól». Todavia, nada tinha da menina que eu idealizava para minha primeira namorada, que deveria condensar, na esquisita feminilidade, todas as bellezas dipersas, de formas e attitudes, gravadas com nitidez no no meu subconsciente. Mas o que faltava á Azely, para aproximar-se do meu typo ideal, a minha imaginação, generosamente, lhe presenteou. E, desde então, ella não foi mais aquella menina apathica, hieraticamente langue, sem um sorriso para abrir-lhe a bocca pentagonal, triste como uma rosa num dia cinzento. Tornou-se, dentro de pouco tempo, a heroina sonhada do meu primeiro romance de amôr, que foi breve como todas as coisas bôas, e inutil como todas as coisas bellas...

* * *

A tarde clara e sem ruido, ao crepusculo, era como uma tarde de novella. Ao fundo do meu quarto quieto, numa pequena estante envidraçada, os meus livros dormiam numa promiscuidade de velhos philosophos desilludidos, indifferentes á poesia de um poente nacarado de luz.

Eu folheava «Cigarras» de ha muitos annos. Velhas paginas lidas na meninice que ficou lá atráz, na poesia subtil e triste das coisas perdidas na distancia irreparavel do passado. De repente estremeci. No alto de uma pagina, li o meu pseudonymo, de quando eu começava, já, a sentir a necessidade imperiosa de escrever. Era o principio do vicio prejudicial, que, depois, se tornou a minha cocaina. O vicio que não liberta e não dá prazer. O cocainomano, sob o effeito do toxico que o mata lentamente, sente um grande bem-estar, uma paz quasi nirvanica. O jogador, de olhar preso na corrida vertiginosa da roleta, tem, sempre, a esperança de ganhar. O fumante esquece muitos revezes na volupia das lentas espiraes. Mas o homem que escreve é sempre atormentado: ou pela necessidade de crear ou pela insatisfação do que crêa. Li com ternura umas poucas duzias de palavras, com que eu criticava a volubilidade de Azely. Como aquella collecção de «logares-communs» me commoveu!... E eu, então, me lembrei de Azely. Daquella menina cujo corpo «era um maravilhoso conjunto de ossos e de luz, como o dessas virgens representadas nos vitraes das cathedraes e vestidas de sol...»

* * *

Um «dancing» qualquer. O salão agita-se, descompõe-se, ao som guttural de saxophones que falam inglês. Promisquidade anti-hygienica de corpos que suam. Ao redor do estreito espaço destinado ás dansas, ha mulheres olheirentas que fumam, que olham, que esquecem... Ha jovens pallidos, quasi imberbes, que atiram olhares ás mulheres lambusadas de crêmes e attitudes forçadas. Nas mesas quasi discretas do fundo, ha homens e mulheres acabadas, de pommulos chupados, de olhos aereos e boccas que não riem mais... As palavras em «argot», de um tango, penetram ouvidos, ferem almas.

O meu «whisky» está intacto. Este ambiente me entristece. Esta gente tambem.

Penso no que um grande desilludido escreveu, certa vez: «Após tantas calamidades desabadas sôbre mim, o que me resta? Eu!...». Como era desgraçado esse escriptor, que não podia dizer, como eu, que lhe restava, ainda, a recordação de um nome muito leve, de um amor muito puro, embellezado pela distancia, de uma illusão que não chegou a ser realidade...

BRENNO SILVEIRA

Theatro

Arte lyrica, Schipa e outras coisas mais

São Paulo, este anno, não assistirá á sua temporada lyrica official, apezar de ter vindo, até ao Municipal, do Rio, de regresso á Europa, a companhia especialmente contractada, na Europa, para o Colon de Buenos Ayres. Quer dizer que, se não fossem os nossos vizinhos do Prata, nem mesmo a Capital da Republica poderia dar-se a esse luxo.

Comtudo, para não nos esquecer integralmente, o maestro Piergile, ainda num gesto de evidente bôa vontade, fez vir até aqui, para dar um concerto, o carissimo divo Tito Schipa, o artista cuja fama, já então notoria, se tornou maior, ainda, deante das platéas de *las bas,* quando, pela sua primeira visita ao Brasil, quasi adolescente, depois de uma serie de triumphos consecutivos, teve a sua consagração maxima naquelle concerto de despedida em que as damas cariocas, que tão gulosamente o applaudiram, o afogaram de flores no tablado do sumptuoso theatro que hoje, no Rio, contempla, taciturno, a *cinelandia* levantada á sua frente numa orgia de luzes e cartazes.

Mas foi bom assim.

Um concerto de Schipa, um concerto variado, capaz de satisfazer a todas as predilecções, com numeros curtos, agradaveis de ouvir, condiz melhor com a mentalidade pratica da nossa época.

Não temo pôr em duvida a minha sensibilidade artistica dizendo que a opera, com seus actos longos, monotonos e falsos, não constitue mais, para o homem do seculo *horse power,* da machina e da competição de classes, um authentico motivo emocional.

Qualquer um de nós, quando se predispoem a assistir a um desses espectaculos lyricos, leva, através do desenrolar da peça, a ansiedade de ouvir esta ou aquella aria que é mais do nosso agrado.

Porque não ouvir, pois, isoladamente, sem a maçada de um espectaculo fatigante, cada um desses trechos que nos satisfaz?

Só acho admissivel, nos dias actuaes, os epectaculos lyricos, nos centros onde sobrepaira, sempre, uma população fluctuante, e, consequentemente, se encontram com mais frequencia aquelles que, guindados, de repente, á tona da sociedade, querem, com razão, *mirar algo nuevo.*

A arte lyrica, como aconteceu com outras formas de theatro, tende a ser, dentro de pouco tempo, mera reminiscencia do passado.

Como Arte, comtudo, pairará sempre na memoria daquelles que, no horizonte dos seculos, vislumbram, ainda, como sombras, as figuras de Eschylo e de Sophocles, e sentem, como sentiam os homens de millenios passados, a grandeza da tragedia grega.

Sobre o concerto de Schipa, particularmente, podemos dizer que o seu exito foi absoluto.

O guapo tenor italiano conseguio levar, ao nosso magestoso theatro da Praça Ramos de Azevedo, assistencia que difficilmente poderia alcançar, numa noitada de opera, o conjunto mais constellado de «estrellas» e de «astros»...

Com sua voz dominadora e suavissima, cheia de colorido e relevo, o artista lyrico executou um programma habilmente escolhido, no qual figuravam varias canções napolitanas.

Agradou plenamente, tendo, mesmo, que executar, taes foram os applausos e tal a sua gentileza, quasi um programma extra.

Só os amantes «*do que é nosso*» estranharam a ausencia, em programma tão variado, de uma canção qualquer da celebre «dupla» Heckel Tavares e Luiz Peixoto...

Justifica-se, em parte, a exigencia desses cavalheiros que formam, «*nas coisas do saber e da arte*», uma especie de «bloco desnorteado e renitente». Desde o tempo em que Esperança Iris cantou «Mimosa» até hoje, quando a senhora Adelina Fernandes, momentaneamente, despreza a guitarra para ouvir o violão, têm sido constantes os maus exemplos...

GONZAGA DE SÁ

Vida Literaria

LIVROS NOVOS

Francisco Adoglio Netto — Os mais bellos poemas do amor — Irmãos Ferraz — S. Paulo — 1931.

Poesia. Poesia. Mais poesia. O Brasil não carece de poetas. Crescem como cogumelos e como elles muitos são venenosos, indigestos. Não é bem esse o caso do sr. Francisco Adoglio Netto, cujos poemas de amor, intitulados um tanto pretenciosamente «os mais bellos», têm algumas qualidades.

Quer parecer-nos, porém, seja o poeta muito jovem e sem o senso critico necessario para separar o joio do trigo. Lembre-se o novel escriptor de que a mais bella prenda do artista é o espirito de sacrificio...

UM NOVO LIVRO DE ORIGENES LESSA

Origenes Lessa, o novellista cynico e irreverente de «Garçon, garçonnette, garçonnière», que já promette para outubro «A cidade que o diabo esqueceu», incorporada á Bibliotheca Cultura, de Georges Selzoff, livro de ironia e de maldade, acaba de lançar um livro curioso, que parece, á primeira vista, estranho pelo bizarro do assumpto: «O Livro do Vendedor».

O autor explora, nesse volume, um thema pratico, de finalidade utilitaria, e compendia nelle, com leveza e bom humor, os methodos e os requisitos indispensaveis ao exito de um vendedor ou de um intermediario commercial.

Falta a esse livro o dogmatisco solemne que caracteriza as publicações nesse terreno. E', todo elle, traçado com o «não-me-importismo» indigena, que não respeita convenções nem preconceitos.

«O Livro do Vendedor», leitura indispensavel para vendedores, agentes e intermediarios commerciaes, é tambem leitura interessante para... os compradores.

ACADEMIA DE SCIENCIAS E LETRAS

Prof. Galdino Lopes Chagas

Do sr. Saturnino Barbosa, secretario da Academia de Sciencias e Letras, recebemos a nota abaixo:

O professor Galdino Lopes Chagas, nascido em Parahybuna, Estado de São Paulo, a 18 de Abril de 1874, é filho de Joaquim Carlos das Chagas e Joaquina Augusta Lopes Chagas, já fallecidos.

Formado pela Escola Normal da Capital em 1894, iniciou o magisterio publico em 18 de fevereiro de 1895, na Segunda Escola Isolada da cidade de Indaiatuba, onde residiu por espaço de quasi 20 annos e onde constituiu familia.

Durante o seu longo tirocinio escolar, dirigiu as Escolas Reunidas de Indaiatuba, mais tarde transformadas em grupo escolar, sob a sua direcção; em 1915, foi removido para a direcção do grupo escolar da Penha, nesta Capital; em 1921 foi removido para a direcção do grupo escolar da Bella Vista e, finalmente, em 1927 foi removido para a direcção do grupo escolar «Oswaldo Cruz», onde se conserva até hoje.

Como professor, nos estabelecimentos de ensino confiados á sua direcção, sempre procurou tornar as materias mais accessiveis aos escolares, ministrando-as de maneira pratica, agradavel e interessante.

Collaborou na imprensa do Interior e foi correspondente do «Estado de São Paulo» durante muitos annos, advogando sempre, com todo o carinho, a causa do ensino.

Está actualmente com 36 annos completos de magisterio publico e ainda continua enthusiasta pela nobre profissão que exerce. Suas aulas são dadas com extraordinario carinho.

Conhecedor de todos os systemas e methodos pedagogicos, é dos mais competentes professores paulistas. Quando discorre sobre esses assumptos, a sua palavra enthusiasta, reaffirma sua grande competencia no assumpto.

A Academia de Sciencias e Letras convidou-o a patrocinar a poltrona do saudoso educador Arnaldo Barreto.

A Entrada do Inverno

Meu amor, meu amor, chega-te a mim.
O inverno bate á porta, e, dentro em breve,
Ha de cahir, em floculos, a neve
E morrerão as flores no jardim.

Que venha o inverno e nos encontre assim,
Unidos, sempre, neste sonho leve...
Quem ama, desfructar ao certo deve
Toda a volupia de um amor sem fim.

Chore a desolação pelos caminhos!
E cubra a terra, as arvores, os ninhos...
Que importa a derrocada e a cerração?

Que importa, se eu escuto, satisfeito,
Palpitar o teu peito no meu peito,
Se temos na alma o fogo de um vulcão?

ALLEGRETTI FILHO

Serenata

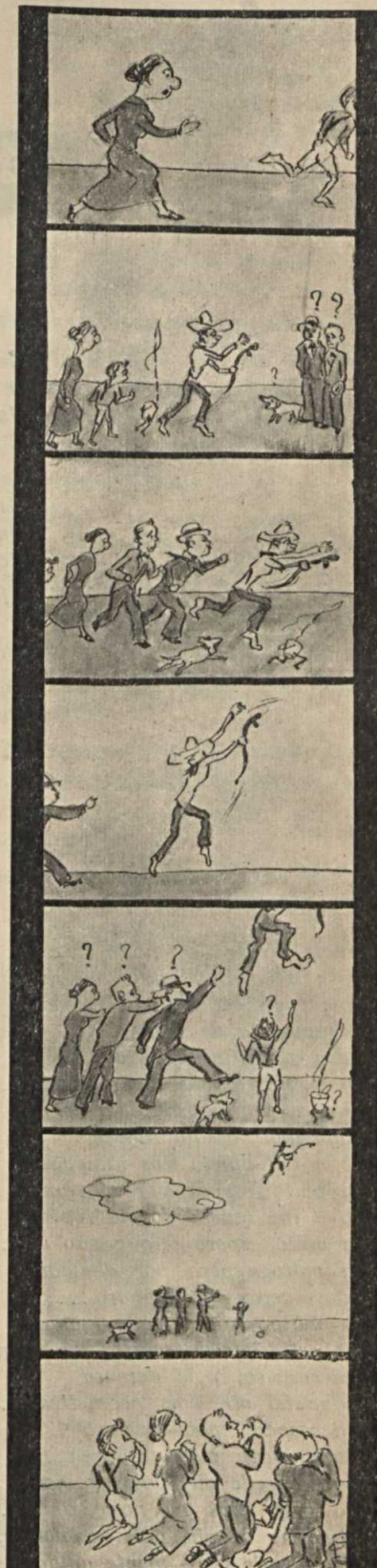
Gemem violões na noite fria,
Dansa a neblina solta no ar...
Gemem violões na noite fria
E illuminada de luar.
Dansa a neblina solta no ar
Sob a luz quieta dos lampeões...
Dansa a neblina solta no ar,
Imaginando assombrações.
Sob a luz quieta dos lampeões
Um vulto espera por alguem.
Sob a luz quieta dos lampeões
Um vulto espera a que não vem.
Um vulto espera por alguem,
E desespera, pois demora...
Um vulto espera por alguem
Que se esqueceu, certo, da hora.
E desespera, pois demora
A que ha vir, pois prometteu...
E desespera, pois demora
A que jurou mas esqueceu...
A que ha de vir, pois prometteu,
Não mais virá na noite linda...
A que ha de vir, pois prometteu,
Sabe mentir... e mente ainda!
Não mais virá na noite linda...
E o vulto espera e desespera!...
Não mais virá na noite linda
Essa risonha primavera.
E o vulto espera e desespera,
Sem mesmo ouvir os violões...
E o vulto espera e desespera,
Ao som plangente das canções.
Sem mesmo ouvir os violões
Que vão tristonhos a cantar...
Sem mesmo ouvir os violões
Na noite fria e de luar,
Que vão tristonhos a cantar
Nas mãos de uns pobres trovadores...
Que vão tristonhos a cantar
Desfeitos sonhos, vãos amores...
Nas mãos de uns pobres trovadores
Gemem violões na noite fria.
Nas mãos de uns pobres trovadores
A noite se enche de poesia...
Gemem violões na noite fria,
Dansa a neblina solta no ar...
Gemem violões na noite fria
Illuminada de luar.

MARAGLIANO JUNIOR

Para as Crianças

A vingança do peixe

(HISTORIA SEM PALAVRAS)

POR TAKAOKA

Correspondencia dos Leitores

CORRESPONDENCIA

Têm cartas nesta redacção: Apres, X. Y. Z. (2), Wonio (2), Sorri...só, Duque de Alexis, Terka, Djenane, Gilbert (2), Nem queiram saber, Mysteriosa, Orchidea, Musa Incomprehendida, Esphinge Branca, Deusa da Felicidade, Zelia, Wony, Meiga Flavita, Dulcinea, Camponez, Deusa Africana, Venus de Medicis, Lenita, Lubovsha, Bertha, Mitzi, Carlos Magno (4), Billie, Walderez, 1830.

Escravo Liberto — Seu instantaneo e cartões postaes não servem para reproducção. Agradecemos sua gentileza.

Prejudicados por falta de «coupon»: Sta. Gaby, Pequetita e Garotinha.

Leitoras... Leitoras..

(Noivinha)

I

Quem de vós quer ser noivinha de um jovem que ainda não conheceu o perigoso fogo do amôr? Pois meu coração ainda não pertenceu a ninguem. A' leitora que candidatar-se, prometto amal-a com a maior das sinceridades. A candidata responderá por intermedio destas columnas ou então enviando cartas á redacção para — *Theophanes*

II

Afim de melhor orientar a candidata e, para não haver decepções, apresento o meu perfil: 20 primaveras, moreno, cabellos pretos e lizos, altura regular, 1,62, e graduado em odontologia. A candidata enviará perfil e, si possivel, a rua em que reside, que depois tambem a satisfarei em tudo quanto exigir. Responder para — *Theophanes*

III

Da candidata não exijo riquezas e, nem opulencias. Apenas exijo que seja sincera e affavel. Conseguirei esse meu grande desejo por intermedio destas columnas? Prefereria tambem que a candidata me respondesse por carta o que eu tambem faria na resposta; mas não sendo possivel não faz mal. — *Theophanes*

Conrad

Recebi sua cartinha; agradecida. Procure resposta na redacção sim? — *Terka*

A quem possa interessar

I

Eu... eu sempre li «A Cigarra», a revista brejeira que canta um canto bom no coração da gente. E eu, ao lêr a correspondencia singela que nestas paginas vive a unir corações amigos, muito embóra não se conheçam, eu... eu que sou triste, que vivo de esperanças, com os olhos fitos no futuro, eu tive vontade de tambem mandar para

II

a mocidade da «A Cigarra» aquillo que eu escrevo nas horas vagas de um tempo á tôa. E hoje eu atiro para estas paginas as minhas palavras simples, desataviadas... que são o reflexo da alma de um moço sonhador... E eu que na minha tristeza vivo cantando o meu pobre fado, eu não quero ficar sósinho na minha desventura e na

III

minha vida... ...e por isso — eu fico esperando... que «A Cigarra» venha outra vez, para saber se a minha figura de jovem que vive estudando e sonhando vive, interessou o coração bondoso de alguma jovem que queira ser, mais do que a minha amiga, a minha companheira... — *Reverendo*

Para...

Leonama: — Você é loiro? Affonsito: — Que medo! quasi morri! Rubens: — Jura, meu bem! Menina de Ouro: — Gostando de alguem... Bemte-vi: — Estou com saudades, cara amiga! Girler: — Quem és? Tuas iniciaes, faz favor? A todos lembranças de — *Marquezinha de Vuvré*

Sobre o Concurso

I

Instituido por um leitor, foi aberto um concurso nesta revista. Appareceram os votantes, appareceram os vo-

tados e, apezar da pouca vontade manifestada pela redacção, a idéa de Escravo Liberto foi tomando incremento. Feita a primeira apuração, Fernanda conquistou maior numero de votos. A votação, porém, continuou e, já no segundo escrutinio, Alma Léda conseguia o primeiro...

II

...logar. Os adeptos de ambas as partes enthusiasmavam-se e o concurso promettia debates animados, quando, sem que nem p'ra que, o encerraram, sem aviso previo nem outra formalidade legal. Não foi justo! Que o concurso continúe, que se estabeleça um prazo final e que os concorrentes se apresentem. — *Bois Gilbert*

Quêxas dum próve pescadô

(De prepósito prá «Cigarra»)

Eu táva pescâno lá no «Lagrimá»; eu táva pensâno de mim que será. Aquella mulhé, — mulhé de meu sonho! djamai num me qué, meu bão Sant'Antonho! S'inveis d'eu fisgá us próve pêxinho, pudesse eu pescá a tár, c'uns carinho... Mas quár! a marvada num tem cumpaxão! num qué sê pescada nim pisca, o pêxão! — *Nhô David*

Attenção

Lili ou Liliana: — Não será a senhorita uma dessas temiveis solteironas, que costumam ter cabellinhos nas ventas? Primeiro o seu perfil, depois conversaremos... Duque Euramebo: — Sae, azar! Nem queiram saber: — Ninguem quer mesmo, todos têm medo, não se incommode. Cavalheiro Pardaillan: — Admira ainda Zevaco, nos tempos que correm?! Conselheiro do Amor: — Melhor seria Conselheiro Accacio, ou, então, Grammaticida... — *Anatole*

Para...

Meiga Flavita: — Dulce amiga. Usted pasa irresistible del amor sobre las illusiones que duermen en mi alma melancolica. Camponez: — Eres un amigo bueno. Eres una luz en la obscuridade de mi alma triste... Pero como te acuerdas tu, de nuestras amistad? Rei Vagabundo: — Mi gran amigo. Oiga, puedo hablar asi? — *Rosario*

Só...

Só, isolada na solidão do meu quarto, é que posso sentir bem a ausencia de alguem... de um alguem que talvez nem exista. Em sonhos, sentia, muitas vezes, as suas mãos acariciar os meus cabellos, sua voz quente cantar lindas canções para o meu amor... Só illusões... mas é tão doce e a realidade é tão cruel!... — *Rosario*

Para...

Walter: — Meu amigo. Grande é o mysterio que enlaça todas as cousas da vida!... Rosario: — O teu sonho tornou-se realidade? És feliz!... Tamoya: — A tua amizade é uma flôr toda feita de luz que nasceu no parque escuro de minha alma!... Diogenes: — Esqueceu-se da humilde amiguinha? Ben Hur: — Queria que acceitasses a minha amizade! Colloca-a num vaso como uma florsinha humilde e deixa-a aquecida pelo sol bom do teu coração! A todos, um beijo da — *Meiga Flavita*

Formosas «estrellas» se embellezam economicamente.

As mais famosas «estrellas» sómente usam para seu embellezamento simples substancias, pois de forma alguma quizeram correr o risco de expôr as suas formosas cutis á acção de receitas de desconhecido valor. A cêra «*Mercolized*» («*Pure Mercolized Wax*») faz com que toda mulher possa possuir uma cutis tão clara, tão avelludada, tão encantadora como a das mais admiradas actrizes. E' sabido que essa maravilhosa substancia pode ser obtida agora em todas as pharmacias e drogarias em uma caixa de tamanho menor, ao preço de sete mil réis mais ou menos. Os substitutos que algumas vezes são offerecidos por menor preço não são como a verdadeira cêra «*Mercolized*». Está comprovado que a cêra «*Mercolized*» faz desapparecer a velha cuticula desgastada, provocando a apparição da nova e formosa cutis que toda mulher possue debaixo da velha tez, assegurando assim a toda dama a constante renovação da sua formosura juvenil e immaculada.

Dissolvendo uma colherinha das de café de granulado «Stallax» em uma chicara de agua quente deixa ampla margem para fazer uma magnifica lavagem de cabeça, deixando a cabelleira naturalmente ondulada, com um tom brilhante e suave.

A legitima Cêra pura «Mercolized» é vendida sómente em latas douradas, de dois tamanhos.

Preços de venda no Brasil, 12$000 e 7$000.

Extracção completa dos pellos.

Como desfazer-se duma maneira definitiva dos pellos, eis aquillo que muitas damas desejam conhecer. E' uma verdadeira lastima que, até ao presente, não se tenha difundido de um modo mais geral o conhecimento de uma substancia que provoca o anniquillamento dos pellos. Esta substancia é o *Porlac* puro pulverisado, que se encontra á venda em todas as pharmacias. O *Porlac* se applica directamente ás partes do corpo onde crescem os pellos superfluos cuja desapparição se deseja. Este tratamento recommenda-se muito especialmente porque, além de eliminar os pellos sem deixar rastro algum, faz que não voltem a apparecer, visto que o *Porlac* provoca a completa destruição das raizes dos pellos.

Para...

I

Inverno. — Folheando as estimadas paginas da «A Cigarra», e, acompanhando a correspondencia dos amaveis leitores, notei suas idéas originaes sobre a mulher. Concordo comsigo em varios pontos de vista, mas sou contra muitas opiniões suas e penso que sómente uma grande disillusão poderia fazel-o pensar de tal forma. Imagine, por um momento, a superficie da terra sem mulheres. Teriamos, no começo, o chaos, e, depois, a desolação e a morte.

II

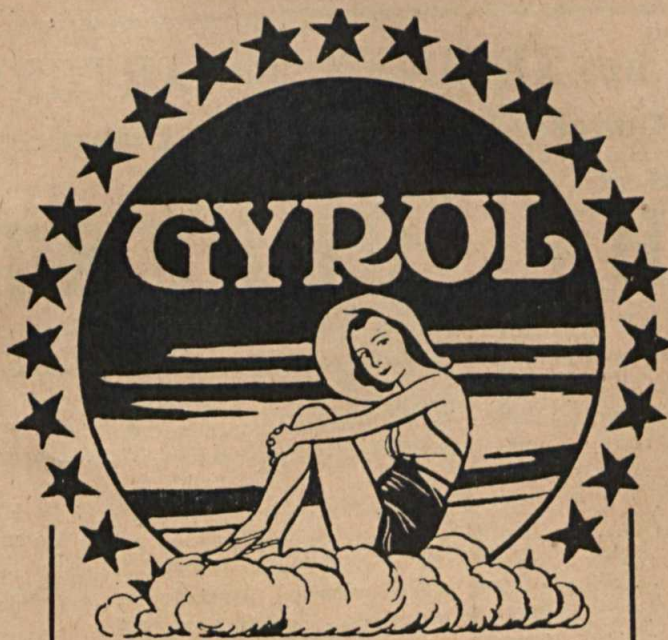
As possantes locomotivas que atravessam o mundo, os transatlanticos que sulcam os mares, as fabricas que apitam, o telegrapho que transmitte o pensamento, tudo cessará de funccionar. Por que? Porque o homem perderá o estimulo para o trabalho e deixar-se-á morrer de tédio, de desespero e miseria. Começará a sentir que é um ser incompleto, que perdeu a maior felicidade que Deus lhe poderia dar. Trabalhar para que?

III

Si elle não pode amar; si tem a certeza de que não existe o sêr a quem poderia dedicar os seus affectos, e que ha de morrer sem ver a sua existencia prolongar-se na próle? Desde este momento o mundo perderia todo o seu encanto e a existencia do homem não teria mais razão de ser. Repetirei suas palavras. «Ella é a vida da propria vida». A mulher é o melhor presente que Deus fez ao homem. — *Primavera*

Celina

I

As tuas palavras cahiram em meu coração como se fossem brilhantes gottas d'agua, e vão cavando em minha alma pequenos sulcos que, com o decorrer do tempo, se transformaram em torrentes caudalozas, provocadas pelas tormentas da vida. Deixei cahir de meus labios palavras incandescentes, phrases distilladas no cadinho da existencia

II

de quem muito viu e viveu. O que tua delicada bocca, através os labios deixou escapar, fulgura com scintillações de relampago, deixando marca indelevel em minha alma. Desde então, sinto que vives em uma exaltação perenne, procurando descobrir a melodia envolvente das palavras, cheia de sons, affagos, carinhos e queixumes, que rodopiando te envolveu toda para sempre. — *Rei Vagabundo*

Noiva

Distincto moço estrangeiro, media estatura, bôa saude e optima collocação, necessitando casar-se no fim do corrente anno, desejaria conhecer uma senhorita de 18 a 22 annos que, pertencendo a distincta familia italiana, possúa saude, seriedade, fina educação e optima cultura. Para evitar perda de tempo, deseja-se endereço particular por correspondencia. — *Waldomiramar*

Bilhetes:

Ignezita: — Advinhei, em você, uma meiga creaturirinha... Agradou-me sua expressão amavel. Beijo-a, Ignezita... Madeixas de Ouro: — Teve você nas palavras gentis uma amabilidade que muito agradeço!... Abraço-a... Egoista: — Foi-me muitissimo, agradavel lêr o seu recadinho... E' possivel que me tivesse sido mais agradavel ainda por ter sido enviado pelo mesmo amiguinho distincto...

II

Acredita sempre na amizade da sua amiguinha. Lembranças minhas á você e ao «Falso Poeta»... Conselheiro do Amôr: — Desperta e agita ás saudades que vivem em mim. Eu e o «Henrique» temos reclamado a falta de noticias... Insisto, n'uma explicação... Saudades da — *Alma Lêda*

Pinheirinha

I

Afinal comprehendi todo esse teu silencio e frieza. Está bem claro: é

que teu coração pendia para outro lado á espera de um figurão. Assim, estavas fazendo o papel da cigana, que joga com dois baralhos para ter a certeza de ganhar. Nada ha occulto, tudo se sabe. Por teres sido feliz em tuas aventuras! Dou-te os parabens, e aqui tens um amiguinho sempre ás ordens.

II

Ganhaste a partida e saiste bem com as tuas experiencias. Assim é que se sabe quem anda com a bôa fé e lealdade para que os remorsos não nos possam accusar. Afinal das contas, si não fosse causalidade... Cumpro as tuas instrucções. Quem seria o embrulhado! Si eu fosse seguindo as tuas phantasticas palavras, que lindo papelão ridiculo teria feito. Tudo corre sem novidade em teu coração. — *Tamoyo*

Informações

Os queridos leitores e leitoras da «Cigarra» poderão informar-me a quem pertence o coração do rapaz Breno Paiva morador á rua Domingos de Moraes n.o par? Tem uma baratinha azul natier, «Ford». Darei mil beijinhos á pessoa que me informar. — *Coração Desesperado*

Para...

Madeixas de ouro: — Queres ser minha noivinha? Si quizeres manda-me carta (ao cuidado da Redacção)... Orchidéa: — Parece que tenho o prazer de conhecer-te, queres dizer-me quaes são as tuas iniciaes?... Cyrius: — Aqui tens o meu fraco apoio... Lady Rose: — Disponha... Estrella d'Alva: — Offereço-te a minha amizade. Acceitas?... — *Le Danger*

J. Henrique

R. Martim Francisco: — par.

Sob as refulgentes constellações deste formoso céo, vagueio só e taciturna tacteando sobre os agudos espinhos desta cruel ausencia!... Com o rolar de uma crystallina lagrima, pronuncio teu sublime nome afogado nas chammas de paixão ardente, levado num suspiro de eterna saudade... Ama-me e o mundo será nosso... Saudades... — *Deusa Africana*

Pharmacolanda

Admiro-a! reconheceu que errou, deu a «mão á palmatoria» e... elle saboreia uma vingança, mostrando-se impassivel. Mas, não desanime; continue a amal-o e... elle a perdoará. Oh! perdoe meu atrevimento; se eu ao menos pudesse alcançar a amizade de uma mulher que erra e pede perdão!... — *Triberane*

Apresento-me

Querida Cigarra; lá de longe, da nobre estirpe da loura «Albion», venho, nas tuas paginas acolhedoras, procurar um lenitivo para o meu amor desprezado. Sou horrivel, talvez como o «Corcunda de Notre Dame» ou o «Phantasma da Opera», porém, tenho um coração humano que, por amar sinceramente, foi desprezado. Mas toda a paixão tem seu caminho de «Calvario». — *Triberane*

Attenção

Desejando collaborar nesta querida e tão conceituada revista, apresento-me aos distinctos collaboradores e gentis collaboradoras. A' Estrella D'Alva, minhas saudações. — *Ubirajara*

Barra Funda

O que observo: Flora, gostando de alguem; Helena, dando provas de que não é ciumenta; Violeta, excessivamente convencida! deixe disso menina... Annita, muito retrahida, será o amor? Frederico, amando de facto; Synesio um excellente rapaz, não fosse a sua presumpção. Soube que ia desafiar-me pelas columnas da «A Cigarra» mas, até hoje... Que vienga el valiente!... — *Observador*

Condessinha de Rudsay

Duvido que me conheças pessoalmente. Póde ser que — e aliás não é de extranhar — me conheças de nome, pois que labuto ha mais dum anno na imprensa de tua terra. Advinhaste: frequento, realmente, uma das escolas superiores desta Capital. Agora, resta á tua perspicacia dizer qual seja ella. Escreve-me, sim? Lembranças de — *Menrios*

A alguem...

Quantas noites já passei — Pensando sómente em ti... — E, nessas noites, chorei; — E, nessas noites, soffri... — Que de saudades eu tinha, — Soffrendo por não te vêr... Chorei por saber que minha — Jamáis tú poderás ser... — *Berthy*

Saudades

(Para C. M.)

I

Menina, tenho saudade — Daquelles bons tempos idos; — Dos tempos da mocidade, — Dos nossos annos floridos... — Tenho saudades, querida, — Dos tempos em que te amei... — Eras toda a minha vida... — Quanto, quanto te adorei! — Oh! Que bons tempos, querida, — Que jamáis nos voltarão... — Tinha illusões minha vida, — Era teu meu coração!

II

Nossas vidas divergiram — E o nosso amôr já findou... — Os castellos já ruiram... — Tudo, tudo se acabou! Sepultada em lousa fria, — Jaz extincta essa paixão... — Della, só resta a poesia — Que trago no coração! — *Berthy*

A's queridas leitoras da A Cigarra

Nas minhas noites de tedio, recolho-me aos meus aposentos, e procurando a solidão e a penumbra, recordo todo o meu passado de rapaz voltado para o trabalho, e penso com insistencia no meu futuro... Cançado de esperar appello para os corações vagos das leitoras desta querida revista, offerecendo o meu coração ainda inviolavel... — *Egypciano*

Jahú x Zeppelin

Nós tambem estivemos passando as férias na Capital, mas, mesmo assim, não nos esquecemos dos nossos noivinhos, não! Vocês são mais ingratos, não é? Mas não faz mal; nós os perdoamos esperando que não façam mais isso. Um adeuzinho das suas noivinhas — Rosario: — Gratas. E's feia? Mas tens a alma bella, que é o melhor predicado. — *Duas Levadinhas*

Blue Eyes

Estou curiosa para conhecel-a! Por mais que consulte a memoria, não posso saber quem é você. Donde me conhece? Explique-me melhor, sim? Actualmente não estou na Paulicéa, mas estive em Junho passando as minhas férias. As minhas iniciaes são O. S. e as suas? Resposta urgente á — *Piracicabana*

Futura Collaboradora

Apresento-me em primeiro á mui querida «Cigarra», e em seguida aos seus gentis collaboradores.

Estando, até esta data, vago o meu «coraçãozinho» procuro um jovem sincero, que queira commigo collaborar.

Contando desde já com um bom amiguinho, aguarda anciosa uma resposta a — *Snrta. Gaby*

Fernanda

Se ha joias bellas entre o manto verde, se sob o Céu azul ha flores puras, tambem brilhaes para nos dar alento. Tambem floris para nos dar venturas. — *P. Q. Nita*

P. Q. Nita

Eu esquecer-me? Não! Tanto que vos retribui. Mas....

Lili ou Liliana

Não sei o que tem vossos escriptos que parecem tão amigos... — *Sereno*

Microphóne

Lili ou Liliana —

Creia-me sinceramente, sim?

Sonhador Desilludido — Então, acha que fui indelicado para com as ingenuissimas «Duas Sonhadoras», e pretencioso, ignorante, quando «aretinizei» o complicado estado mórbido do sr. Duque de Eurameбo, não é assim? E, á moda de um Quixote montado num ganso, arremete-se contra a minha pessoa, de chuço e espada. E desse modo quer reduzir-me a pó... Porém, acho que o illustre Desilludido sonhou coisas más e...

II

... pensa, talvez, que sou algum moinho de vento. Eu, entretanto, não estou disposto a dar realidade aos sonhos pueris e inofensivos sonhadores. Portanto, guarde o seu ganso de pobre plumagem, o seu chuço, a sua espada e, veja, «através» dá lente da Realidade que a sua quixotesca phantazia poderá redundar numa cruél desillusão.

Rouxinol de Tranças — Você, Rouxinol, é terrivelmente paradoxal! — *Aretino*

Mais um

Os amigos desta revista que aqui collaboram acceitam a minha amizáde? E as amaveis collaboradoras pódem dar álgumas palavras de allivio a minha solidão? Agradeço-lhes. — «Estrella d'Alva»: Encantou-me a sua apresentação mas não sou intelligente. Quer assim mesmo consolar este atrevido? Só os livros me têm dado algum. Espera agradecido — *Silencioso*

Telegraphando

Poupée: — Teu pseu faz lembrar alguns trechos de Ultimos dias de Pompeia. Queres enriquecer-me com tua preciosa amizade? Caçador: — Vem que aqui te espero para completarmos o quadro. Piloto Mysterioso e Esbelto Infante: — Acceitem lembranças do — *Ben Hur*

Cavando

Acceitem minha sincera amisade: Til & Cifrão, Maramonys, Duo Ashavérus, Jorba & Cascudo, Pioneiro do Deserto. Duas Sonhadoras. Orchidêa, Alma Lêda, Mlle. Demonio, Deusa do Bosque. Grato ficarei, á espera da resposta. — *Ben Hur*

Agradecendo

Le Danger: — De nada. Companheiro: — Distincção de que posso orgulhar-me. Madeixas de Ouro: — Grato. Therezinha: — Tua amizade ennobrece-me. Grato pela digna resposta. Rosario: — Só a vossa amizade é que perturbará meu cerebro. Sinto-me orgulhoso em possuil-a. Noiva do Regimento: — E's T. R. Já sei quem és. Muito me orgulho em saber que és da nossa secção. — *Ben Hur*

Telephonando

Mysteriosa: — Dia 8, sim. Deusa Africana: — Esquece-te d'este fraco colleguinha. Therezinha: — Não deixe o 5-0522. E' prazer para mim. Affonsito: — Retiro meus protestos. Coração Aviador: — Recebi e escrevi a 30-6-31. H-P-2-: explica-se. 2 cavallos de força. Você deve luctar com Tunney. Cow Boy: — Desistir é para você deixar de perder tempo atraz de D. Perdido. *Ben Hur*

Sant'anna

(Para Bruno D. N.)

I

Agora que és jovem, bello, feliz... corres inconscientemente, no Paiz das chimeras, atraz de um sonho irrealizavel! vae meu amor... corre... Sê feliz. Goza dos prazeres que te proporciona esta tão curta vida!

Mas... um dia... Accordarás deste teu sonho, e voltarás pela mesma estrada, com o coração ferido, a chorar a propria dor...

II

E... a alma sangrada pelo espinho cruél do desengano!... Volve teus verdes olhos Bruno, a uma alma que passa... pressurosa, correrá a teus braços, com um beijo quente estancará teu pranto e fará florir nos teus labios um doce sorriso, offertar-te-há a felicidade que buscaste em vão por longos annos! Esta alma, sou eu que te amo. — *P. Q. Nita*

Procurando uma noiva

Tenho 21 annos completos. Sou alto e moreno. Desejo encontrar uma noiva de 16 a 18 annos, morena e de estatura regular. Faço questão que seja educada

Peço a senhorita que se achar em condições escrever para *Conrad Rodolpho*

Alma Leda

Sua amizade muito me honra. Sempre apreciei as suas collaborações, e os amiguinhos agiram com bastante justiça elegendo-a Rainha dos Collaboradores. Na verdade, Leda, seus mimosos artigos têm «alma» Sinceramente, Alma, elles têm muita «lêdice». Creia-me seu sincero amigo. — *Maramonis*

Um appello do exilio

Estou em uma villa distante da civilisação, obrigado pelas circumstancias, por tempo indeterminado, a um isolamento indesejavel. Solidão, silencio e solidão. Não haveria uma creatura celeste (cahida do céu) que se dispuzesse a enviar-me de longe o sorriso luminoso da sua graça? Eu receberia o primeiro gentil contacto espiritual por intermedio da redacção. Depois.... — *J. Claudio*

Mulheres

I

Um dia, dentro de minha vida, quando eu olhava o sól, que morria, entre lençóes de nuvens ensanguentadas, encontrei uma creança quasi mulher, que tinha nos olhos dois abysmos. Tomou-me a mão, olhou-me fundo dentro dos olhos e disse-me: Tu, que pareces tão bom, por que odeias tanto as mulheres? Não respondi. Calei-me e fiquei a olhar o céu.

II

E aquella creança de olhos côr de chumbo, falou, de novo:«Repara nas mulheres... São todas bellas! Todas as mulheres trazem nos labios a anciedade de procurar em outros labios o beijo, que sua bocca quer.

Vem commigo! Eu te mostrarei na vida o encanto que se sente em amar. Dá-me tua mão. Vem commigo! A mulher, na vida d'um homem é tudo.

III

O resto é quasi nada. E aquella mulher falou assim. E eu pensei em suas palavras. Sem a mulher, qual seria o estimulo do homem? E eu penso agora. ./.

O homem é escravo do trabalho. Escravo da mulher.

Sem a mulher, o homem deixaria de ser escravo. Sem a mulher, não existiriam invernos na terra. Sem a mulher, a terra seria uma primavera eterna... — *Inverno*

Cavalheiro de Pardaillan

Rabiscos? Não digas isso, amigo. Lavores primorosos, quadros mui sabiamente produzidos pela tua grande intelligencia, e maravilhosamente descriptos em teus admiraveis artigos. Como amigo reconhecido, permitte-me, Cavalheiro, dirigir um appello á tua nobre alma: tem dó desses collaboradores que te taxam de plagiador. Coitados... Teu admirador e amigo — *Maramonys*

Rasputin ou Feijão Fradinho

Lés pu ksévris Elinikå. Chérume poli. Epitélos ivra énan filo, pistevo egó kalón filo, dia na milisso ligaki, ta Elinika. An me apandissis, tha me efcharistissis poli. — *Poupeé*

Para

Jovial — Muito agradecida pela informação. O perfil do G. P. Gonsalves é: estatura mediana; olhos castanhos escuros; cabellos da mesma côr, levemente ondulados. Reside ou residia á rua Oriente...

Estou cançada de esperar á sahida da «Piratininga» e, por isso nada mais posso dizer. Até sempre Jovial, e muito grata. — *Pequena Pintada*

Conselheiro do Amor

Para exprimir o agradecimento que me envia, basta alliar á grandeza de sua alma, a sua valiosa amizade. Quanto ao seu desejo, não pude comprehender. Que mysterio! os seus ultimos artigos deixam transparecer tanta tristeza e tanta magua! e falla em retirar-se o nosso Principe e bom «Conselheiro?» A amiguinha — *Orchidéa*

Para ..

Amoroso: — Se não desmentir o «pseu», serei sua amiguinha.

Piloto Mysterioso: — Acceitas minha amizade?

Musa Incomprehensivel: — Com prazer lhe offereço a minha muito sincera amizade.

Duque de Alexis: — O lenitivo da dor é a esperança; espera pois e verás surgir o teu «Sorriso» como uma alvorada de amor. — *Orchidéa*

Principe Jardineiro

Fiquei immensamente surprehendida com a tua notinha. Então, tens coragem de correr o mundo inteiro, para vêr a «Garota»? Não acredito. Acertaste. Sou normalista e resido no Interior. Creio que seremos bons amiguinhos... Tenho quasi certeza de que o principezinho já conhece, pessoalmente, a garotinha. Não é verdade? Espero anciosa, as tuas noticias. Conta com amizade sincera da — *Garota Virtuosa*